



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO  
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO – CET  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO**

**BRENNO VINICIUS BRITO RODRIGUES**

**COMIDA E TURISMO: O PAPEL DA MULHER NA PRODUÇÃO DE  
COMIDAS TÍPICAS EM PONTOS TURÍSTICOS DE BELÉM DO PARÁ**

**BRASÍLIA - DF**

**2019**

**BRENNO VINICIUS BRITO RODRIGUES**

**COMIDA E TURISMO: O PAPEL DA MULHER NA PRODUÇÃO DE COMIDAS TÍPICAS  
EM PONTOS TURÍSTICOS DE BELÉM DO PARÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação, Mestrado Profissional em Turismo, do Centro de Excelência em Turismo (CET), da Universidade de Brasília (UnB), na linha de pesquisa Turismo, Trabalho e Gênero, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Neuza de Farias Araújo**

**BRASÍLIA - DF**

**2019**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

RB838c      Rodrigues, Brenno Vinicius Brito  
              Comida e turismo: o papel da mulher na produção de  
              comidas típicas em pontos turísticos de Belém do Pará /  
              Brenno Vinicius Brito Rodrigues; orientador Neuza de Farias  
              Araújo. -- Brasília, 2021.  
              81 p.

              Dissertação (Mestrado - Mestrado Profissional em Turismo)  
              -- Universidade de Brasília, 2021.

              1. Mulheres. 2. Gênero. 3. Trabalho. 4. Turismo. 5.  
              Gastronomia. I. Araújo, Neuza de Farias, orient. II. Título.

**BRENNO VINICIUS BRITO RODRIGUES**

**COMIDA E TURISMO: O PAPEL DA MULHER NA PRODUÇÃO DE COMIDAS  
TÍPICAS EM PONTOS TURÍSTICOS DE BELÉM DO PARÁ**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Turismo pelo Programa de Pós-Graduação, Mestrado Profissional em Turismo, do Centro de Excelência em Turismo, na linha de pesquisa Turismo, Trabalho e Gênero.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Neuza de Farias Araújo – Presidente  
Centro de Excelência em Turismo – CET-UnB

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria José Magalhães – Examinadora Externa  
Universidade do Porto – U.Porto

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Elenita Nascimento – Examinadora Externa  
Centro de Excelência em Turismo – CET-UnB

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Taina Zaneti – Examinadora Suplente  
Centro de Excelência em Turismo – CET-UnB

Local: Centro de Excelência em Turismo

UnB – Universidade de Brasília – Campus Universitário Darcy Ribeiro

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar o papel das mulheres que prestam serviços de alimentação em pontos turísticos da cidade de Belém do Pará. O trabalho consistiu em examinar as atividades dessas mulheres enquanto produtoras de pratos típicos da culinária paraenses, nos pontos turísticos do estado Ver-o-Peso e Praça da República, bem como identificar quais são as funções que elas exercem nesse trabalho. As categorias consideradas foram gênero, divisão do trabalho, comida e turismo, destacando-se aspectos que fundamentam estes conceitos. O método qualitativo foi utilizado com a finalidade de obter relevância para análise. O desenvolvimento desta pesquisa compreende revisão bibliográfica, pesquisa de campo, e realização de entrevistas semiestruturadas com as mulheres, como objeto de estudo. Ainda se considerou o papel das mulheres com o cuidado dos alimentos, técnicas de preparo e práticas culturais da gastronomia paraense.

**Palavras-chave:** Mulheres. Gênero. Trabalho. Comida. Gastronomia. Turismo.

## ABSTRACT

The aim of this research was to analyze the role of women who provide food services in tourist attractions of the city of Belém do Pará. The work consisted of examining the activities of these women as a producer of typical dishes of the state of Pará gastronomy, in the tourist attractions of the state Ver-o-Peso and Praça da República, as well as identify what are the positions they hold in this work. The categories analyzed were gender, division of labor, food, and tourism, highlighting aspects that underlie these concepts. The qualitative method was used to obtain relevance for analysis. The development of this research comprised bibliographic review, field research, and conducting semi-structured interviews with women, as an object of study. The role of women in food care, preparation techniques, and cultural practices of Pará gastronomy was also analyzed.

**Keywords:** Woman. Genre. Job. Food. Gastronomy. Tourism.

*Dedico este trabalho a todas as mulheres que, com muita luta, sabem assumir o papel que cabe a elas com muito penhor e força, aquelas que todos os dias vão à luta pelos seus objetivos e pelo melhor de sua família, que são o sexo forte capaz de criar e recriar seus espaços e suas verdades.*

*As palavras tentaram definir o que é ser mulher, a literatura tentou compreender seu íntimo, o mundo tenta explicar sua capacidade, mas ser mulher é ser tudo dentro de sua complexidade, completa e complementar da vida social e humana.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Senhor Deus pela oportunidade de ter feito o meu mestrado no Programa de Pós-graduação em Turismo da Universidade de Brasília – UnB (Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília). Passei por muitas experiências, provas, dificuldades e algumas lágrimas, porém fiz amigos, companheiros e uma nova família. Sou grato a Deus pelas oportunidades, bem como pela vida que a mim foi dada.

Venho, pois, ressaltar a mulher de maior importância para todo o meu processo moral e ético, Jocinete Viana Brito, minha rainha, meu anjo, minha amiga, minha mãe, que, com muitos sacrifícios, criou quatro filhos, e soube me dar toda a estrutura familiar que precisei. Uma mulher que mesmo não sabendo o que é o feminismo como conceito, soube com atitude mostrar o quão importante a mulher é para a construção de um ser humano, na dimensão social e de respeito para com todos. Mulher, mãe, forte, guerreira, amiga, e como ela gosta de ser lembrada, cristã. Muito obrigado por toda a força que sempre me proporciona, mãe.

Trago aqui o agradecimento a meus anjos – Anastácia, Brunno Rodrigues, Maria Clara Paixão, Teylor Lago, Maristela Leite, Gerusa Erig, Rose. Vocês são o tesouro de valor imensurável, estão ao meu lado nos momentos que eu mais precisei. Estiveram comigo a noite toda, escrevendo, lendo e sabendo segurar minhas lágrimas, mesmo quando eu pensei em desistir por inúmeros motivos. A palavra *amizade* está correlacionada com amor, e eu posso, com segurança, expressar esse sentimento por vocês, carregando vocês em mim. Obrigado, meus anjos amigos.

Aos amigos que trago no peito com muita saudade e lágrimas, que sempre foram importantes para mim e que eu não consigo esquecer, agradeço por toda a ajuda que me deram, por tudo o que fizeram por mim e para mim. Foram muitas noites falando de turismo, aprendendo por osmose, os conceitos, definições e segmentações. Escrevo estes agradecimentos com lágrimas nos olhos, carregadas de lembranças e saudades, pois acreditaram muito em mim e em todo o que eu poderia ser – Paula Binfare, Patrícia, Cleber Castro, Ana Paula, Jenifer, Ivanise e Andressa, obrigado por cada palavra, por cada abraço, por cada sorriso e pelas ótimas lembranças.

Agradeço aos meus sobrinhos, que são hoje minhas motivações, são presentes que Deus me deu com muito carinho. O nascimento de cada um deles me fez uma pessoa melhor, o sorriso de cada um deles me dá forças para continuar. Sou grato de todo o meu coração pela vida deles, e busco ser um ser humano melhor para servir de exemplo para cada um – Gabriel,



Manuela, Hadriel e Emmanuel Rodrigues, sou grato por ter vocês em minha vida para toda a vida.

Deixo meu agradecimento a meus avôs – Fátima Rodrigues, Pedro Pires e Fátima Miranda, pois vocês são as vozes que sempre ecoaram em meu ser, levando a responsabilidade e o que eu deveria ser como ser humano dentro de meus princípios. São os meus pilares, minha base e não posso deixar de ressaltar que para eles sou fruto do norte, paraense com orgulho, cercado de amor e carinho.

Em especial, deixo as falas do meu avô Milton Santos, que antes de morrer me deu um sábio conselho: “Meu filho, estude, para que você dê orgulho a todo o esforço da sua mãe que trabalha muito para sustentar vocês. Não faça como eu que não quis estudar, quem estuda só tem a ganhar”. Agradeço, Vô, onde o senhor estiver, pelas palavras, pela forma como me fez observar o mundo e pela pessoa que o senhor foi para mim.

Aos meus irmãos venho agradecer por suportar meus surtos de estresse, meus momentos ácidos, minhas respostas tortas e meus momentos de chatice. Obrigado por estarem comigo, bem como aos meus cunhados e minha cunhada, que souberam sempre relevar tudo isso.

Sou grato à professora Neuza, que me acolheu com muito carinho, sabendo das minhas limitações, das minhas confusões e de minhas dificuldades, me deixando bem para escrever, me dando toda a orientação que eu precisei para chegar até aqui. Obrigado pela confiança e por ter conseguido me orientar em um tempo tão curto. Muito obrigado!

Sou grato a mim mesmo pelo que consegui com cada um que veio a mim, me ajudar, me dar conselho, um abraço, uma palavra amiga, um afago e um carinho. A construção do conhecimento sim é individual, mas não é segregada e sim somada. Ao trabalhar com o conceito dos feminismos, destacando o papel da mulher, coloquei-me como porta-voz de todas as mulheres que formaram a pessoa que sou.

Percebo, pois, que esse não é o meu local de fala, não sou mulher, nunca vou passar pelos problemas ou dificuldades de uma mulher, pelos preconceitos ou pelas desigualdades, mas me coloco como ser humano capaz de defender e me posicionar a favor dos movimentos. Tomo para mim essa causa que é de suma importância, para dar força à luta das minhas avós, primas, irmãs, tias, amigas e minha mãe.

Como homem adquiri uma gama de conhecimentos que me fazem ter um olhar holístico, coerente e igualitário sobre o conhecimento que se volta a gênero. O preconceito se coloca em repúdio sobre mim, e meu olhar se coloca em posição de uma dimensão humana, segundo a qual o outro deve ter direitos, deveres, respeito, liberdade, leis e igualdade.

Tornei-me um novo ser, repleto de convicções e de argumentos, transformando minhas mudanças em oportunidades e meus argumentos em filosofia de vida. Preenchi o vazio de conhecimento e as lacunas deixadas pela vida de experiências. O saber, o aprender e o ensinar tornaram-se meus amigos, caminhando ao meu lado para onde eu for.

Fiz das oportunidades minha história e aqui estou para agradecer, a vida que construí, a vida que vivenciei, a vida que aproveitei e a vida que há de vir. A vivência que exponho é a mesma que foi somada por todos que aqui lembrei e pontuei. Com isso, finalizo agradecendo à vida, à minha vida bem vivida com todos, sendo muito grato por tudo, pois tudo vale a pena e continuarei a experimentar, de forma sadia, somando aprendizados em meio a vivências.

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Conceito de turismo em sua complexidade. ....	26
Figura 2 - Mapa do estado do Pará. ....	31
Figura 3 - Dimensão da Praça da República, Belém-PA. ....	32
Figura 4 - Dimensão do espaço do Ver-o-Peso. ....	33

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perfil das entrevistadas e local da coleta.....	48
Quadro 2 - Horas de trabalho por dia. ....	49
Quadro 3 - Significado e significância na dimensão do trabalho e gênero. ....	50
Quadro 4 - Gosto pelo trabalho e motivações. ....	51
Quadro 5 - Respeito no local de trabalho. ....	52
Quadro 6 - Motivações e tempo de trabalho na área. ....	53
Quadro 7 - Desafios do trabalho para a mulher.....	54
Quadro 8 - Diferencial do serviço prestado, conforme o ponto turístico. ....	55
Quadro 9 - Diferencial da culinária paraense em relação a outros estados. ....	56
Quadro 10 - Aceitabilidade e preferência alimentar.....	57
Quadro 11 - Estímulo dos órgãos responsáveis pelo turismo do estado na divulgação/ promoção da comida paraense.....	58
Quadro 12 - Melhorias para o serviço ou local de trabalho. ....	59

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 – CULTURA .....	15
1.1 - Transformações culturais.....	17
1.2 - A mulher paraense .....	18
1.3 - Culinária e gastronomia.....	19
2 – TURISMO .....	23
2.1 - Turismo cultural, identidade e patrimônio .....	26
2.2 - Turismo gastronômico.....	29
2.3 - Espaços turísticos de Belém .....	30
3 – TRABALHO .....	35
4 – GÊNERO.....	39
4.1 - O movimento feminista .....	40
5 – METODOLOGIA.....	43
6 – RESULTADOS .....	47
7 – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	49
8 – CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	60
REFERÊNCIAS .....	62
APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTAS.....	68
APÊNDICE 2 – TERMOS DE CIÊNCIA PARA TRABALHO CIENTÍFICO.....	71
ANEXO 1 – IMAGENS DOS ESPAÇOS TURÍSTICOS DA PESQUISA .....	76

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa traz para o debate questões de gênero, destacando e introduzindo o papel das mulheres na categoria *trabalho no turismo*. A discussão se faz pertinente e atual, em vista de se tratar de um recorte espacial pouco explorado, quanto às funções executadas pelas mulheres que prestam serviços em locais turísticos da cidade de Belém, estado do Pará.

Para desenvolver os argumentos da pesquisa, será abordado o processo cultural dentro de suas interligações, observando os pontos de argumentação do simbólico e do identitário, pois o presente trabalho se alinha com a construção do simbólico e seu simbolismo. Geertz (2008) considera os símbolos, as representações manifestadas do grupo, comuns a todos. Hall (1987) justifica a identidade como sendo a apropriação do indevido, em virtude do seu processo de adaptação e pertencimento, entre sua escolha de gostos e afinidades.

A cultura alimentar é o elo entre o trabalho exercido pelas mulheres e sua forma de atuação. As técnicas de produção de alimentos típicos da Região Norte se desencadeiam na experiência de consumo do turista ao apreciar o alimento, interagindo com a cultura local a partir do ato de comer.

Baseando-se nessas escolhas, destaca-se o papel da mulher no contexto e no decorrer do processo histórico de uma região em que ela ainda tem as mesmas responsabilidades ao se tratar da divisão do trabalho, desde o período da borracha em meados de 1871-1914, que em Belém recebeu o nome de *Belle Époque* brasileira ou *Belle Époque* tropical. A matéria-prima de grande valor da região foi a borracha, o que fez com que a capital tenha tido um grande desenvolvimento econômico.

O conceito de trabalho adquire importância nesta pesquisa por ser ele o ponto de atuação, aqui abordado, da mulher paraense. Para compreendê-lo, buscou-se em Antunes (1995) o sentido do termo. Embora esse autor não inclua em sua definição aquele que vende a força de trabalho, apresenta uma distinção entre trabalhador produtivo e trabalhador improdutivo. Para embasar seus argumentos em torno do conceito, ele trata da centralidade do trabalho e sua relevância na sociedade, uma vez que o trabalho, de acordo com o autor, é elemento essencial e fundamental da existência humana. Já para Foyer e Payne (1984 *apud* MORIN, 2011), o trabalho seria uma atividade útil, determinada por um objetivo definido, podendo gerar prazer em sua execução.

## **Objetivo geral**

A mulher ainda é tratada de forma inferiorizada quanto ao seu potencial intelectual ou à força física de trabalho e ainda tem seu corpo objetificado. A luta do movimento feminista vem de encontro a esses problemas sociais e traz um posicionamento ao tratar do binômio *gênero e trabalho*. Nesse sentido,

a divisão do trabalho assume formas conjunturais e históricas, constrói-se como prática social, ora conservando tradições que ordenam tarefas masculinas e tarefas femininas na indústria, ora criando modalidades da divisão sexual das tarefas. A subordinação de gênero, a assimetria nas relações de trabalho masculinas e femininas se manifesta não apenas na divisão de tarefas, mas nos critérios que definem a qualificação das tarefas, nos salários, na disciplina do trabalho. A divisão sexual do trabalho não é tão somente uma consequência da distribuição do trabalho por ramos ou setores de atividade, senão também o princípio organizador da desigualdade no trabalho (LOBO, 1991, p. 38).

Diante desse contexto, a presente pesquisa apresenta como objetivo geral analisar o papel das mulheres no trabalho com alimentação e comida, em pontos turísticos na cidade de Belém – PA. Para tal, propõe-se a aprofundar o conhecimento sobre a situação das mulheres a partir de uma perspectiva de gênero.

## **Objetivos específicos**

Para se alcançar o objetivo geral apresentado, buscou-se atingir os seguintes objetivos específicos:

- Identificar locais e atividades desenvolvidas pelas mulheres no trabalho exercido com o serviço de alimentos;
- Verificar os benefícios e desafios das mulheres no trabalho; e
- Analisar os diferentes aspectos quanto à força de trabalho da mulher na gastronomia local.

## **Metodologia**

As abordagens foram efetuadas em conformidade com a metodologia qualitativa, que tem como premissa interpretar os fenômenos sociais. Tais fenômenos, dentro do contexto da pesquisa, permitiram uma melhor compreensão dos fatos a partir de uma visão holística,

fazendo uso das ferramentas metodológicas adequadas, como revisão bibliográfica, pesquisa de campo, aplicação de questionário e pesquisa documental.

Os dados apresentaram uma visão ainda não explorada em relação às vozes das mulheres pesquisadas. Essa visão foi de suma importância para a compreensão do trabalho executado pelas mulheres na prestação de serviços em alimentação em pontos turísticos de Belém, quais sejam a Praça da República e o Mercado Ver-o-Peso.



## 1 – CULTURA

Os processos que constituem uma cultura são construídos pela coletividade, por ideais de um grupo, pelas singularidades do território ocupado, pelos credos religiosos, por processos econômicos e vários outros. Assim,

acreditando como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assume a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície. Todavia, essa afirmativa, uma doutrina numa cláusula, requer por si mesma uma explicação (GEERTZ, 2008, p. 36).

Para Geertz (2008), a cultura é formada por um conjunto de teias de significados e atributos que o homem constrói em sociedade. Essa cadeia é perceptível nos grupos e no meio social, apresentando-se de forma semelhante ou diferenciada. Bauman (2012) expõe o conceito de cultura como um conjunto de alegorias. A cultura é dinâmica e sofre transformações em virtude da interação cultural dos grupos e das sociedades ao longo do tempo. Já Laraia ensina que

culturas são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante (LARAIA, 2001 p. 31).

No que diz respeito ao conceito de cultura, Laraia (2001) argumenta que, tratando-se de um conceito fundamentado pela antropologia, tenta-se compreender a complexidade do tema no que diz respeito ao comportamento do ser humano, em vista do meio em que ele se encontra. Contudo, deve-se frisar que essa definição trazida pelo autor foi um primeiro levantamento sobre a conceitualização de cultura e

para isto, a cultura deve ser considerada “não um complexo de comportamentos concretos, mas um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções (que os técnicos de computadores chamam programa) para governar o comportamento (...)”, “um dos mais significativos fatos sobre nós pode ser finalmente a constatação de que todos nascemos com um equipamento para viver mil vidas, mas terminamos no fim tendo vivido uma só!” Em outras palavras, a criança está apta ao nascer a ser socializada em qualquer cultura existente. Esta amplitude de possibilidades, entretanto, será

limitada pelo contexto real e específico onde de fato ela crescer (LARAIA, 2001 p. 33).

Com a presente pesquisa, busca-se compreender os pontos de acesso que sustentam essa teia de significado que é tecida em coletividade. Contudo, para se chegar a essa interligação, deve-se aprofundar na cultura tanto em seus significados, quanto em seus simbolismos para que se explique sua representatividade. Assim,

são quatro os fatores essenciais da cultura. Os *anátropos*, ou seja, o homem na sua realidade individual e pessoal; o *etinos*, comunidades ou povo, entendido como associação estruturada de indivíduos; o *oikos*, o ambiente natural e cósmico dentro do qual o homem se encontra a atuar; o *chronos*, tempo, condição ao longo da qual, em continuidade de sucessão, se desenvolve a atividade humana. Nenhum destes fatores produz, só por si, a cultura, mas nenhum pode ser considerado estranho ao seu processo dinâmico (BERNARDI, 1974, p. 126).

O *anthropos*, *etanos*, *oitos* e *chromos* são elementos fundamentais para o processo de teias de significados da cultura, no entanto, elas são interligadas e complementares, fazendo parte do processo dinâmico e contínuo da cultura, que sofre transformações e modificações em todo o seu percurso. O processo cultural tem uma dinâmica de transformações e modificações, mas sua essência singular se preserva e se perpassa durante o tempo, sendo conservada e guardada pelo grupo ou localidade em que se encontra.

No que diz respeito à expressão “identidade cultural”, ela deve ser considerada dentro do seu universo conceitual. Para Geertz (2008) e Bauman (2012), o conceito tratado como “identidade cultural” se refere às práticas culturais, bem como à singularidade da oralidade, postura social, simbolismo cultural (como religiosidade, comemorações regionais ou locais, folclore e outros). Ao se tratar da identidade de um povo, encontra-se o seu simbolismo, despertando, por sua vez, a curiosidade de compreender e analisar tal fenômeno cultural em sua complexidade. E então,

o trabalho fronteiro da cultura exige um encontro com “o novo” que não seja parte do contínuo um de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; eles renovam o passado refigurando-o como um “entre lugar” contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O “passado- presente” torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia de viver (BHABHA, 2003, p. 27).

São as interações que dão lugar a um contexto cultural, em vista de sua complexidade; e a transformação do lugar e do espaço faz da representação cultural algo singular e diferente. O passado deixado por jeitos, danças, técnicas e outros, se preserva e se

materializa no cotidiano, dando lugar para uma nova perspectiva do novo, sem deixar de lado o passado das tradições construído na atualidade, em meio às representações da cultura.

### **1.1 - Transformações culturais**

As transformações culturais fazem parte do processo de identidade e simbolismo. De acordo com Nauman (2013), a sociedade atual vem sendo cada vez mais fluida, e o processo cultural vem se adaptando e sofrendo mudanças. Contudo, as mudanças que vêm ocorrendo não são de modo adequado. O “simbolismo”, conceito este muito presente nas discussões sobre cultura, traz à tona os objetos e manifestações festivas como um elemento de estudo que se incorpora à cultura.

Os simbolismos são elementos que se fazem presentes em todas as sociedades, de modo que sua singularidade e sua individualidade são patrimônios sociais que refletem o contexto identitário do grupo, lugar ou território. Suas características podem ser justificadas de diversas maneiras, como, por exemplo: a geologia do lugar, o processo econômico, a religião e outros. Para Lévi-Strauss (1976), são inúmeras as justificativas e pontos de partida para se compreender o fenômeno cultural. Sua complexidade não será analisada em sua totalidade, mas em sua representatividade e importância.

A identidade cultural é um fundamento balizador e complementar do simbolismo e é representado no individual e no coletivo, carregado de dimensão moral e ética de um grupo e faz parte de sua cultura. No contexto pós-moderno, a identidade cultural sofre influências externas e internas na estrutura do indivíduo e em sua coletividade, bem como o argumento de fluidez da sociedade atual traz para o trabalho a discussão do que é próprio de uma cultura ou o que pertence à identidade cultural de um povo. De acordo com Hall (1987),

a identidade torna-se uma “celebração móvel” formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos. Identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu” (HALL, 1987, p. 13).

Observando os pontos de argumentação acerca do identitário, o presente trabalho se alinha com a construção do simbólico e seu simbolismo. Geertz (2008) considera como símbolos, as representações manifestadas do grupo, comuns a todos. Hall (1987) justifica a identidade como sendo a apropriação do indevido, em virtude do seu processo de adaptação e pertencimento a partir da escolha de gostos e afinidades. Baseando-se nesses conceitos, esse trabalho tomou forma.

Geertz (2008) define cultura como uma rede de elementos simbólicos que têm em seus contatos as suas representações e manifestações construídas por inúmeros elementos. Bauman (2012) complementa essa ideia, ao afirmar que esses elementos fazem parte do cotidiano do indivíduo, pertencendo ao seu universo cultural enraizado ou absorvido pelo mesmo como forma de pertencimento. Já Laraia (2001), no que diz respeito ao conceito de cultura, diz que ela pode ser compreendida como um fenômeno complexo que deve ser interpretado e analisado dentro de seu recorte.

As manifestações festivas e a gastronomia são elementos simbólicos da cultura, os quais têm significativa representatividade e relevância, o que torna essas características territoriais patrimônios locais. Esse patrimônio é um elemento de pertencimento de todo o grupo, e essa característica não é única ou individual, mas é definida como um elemento da identidade cultural de uma determinada sociedade, cercada de ritos e crenças.

## **1.2 - A mulher paraense**

O estado do Pará, região cercada de rios e banhada também pelo mar, geograficamente localizada próxima à linha do equador, tem como clima o tropical. Dentro de seu território se tem uma parte significativa da floresta amazônica, a qual contempla uma fauna e flora diversas, apreciadas por estudiosos de várias áreas.

A capital Belém foi fundada por Francisco Caldeira Castelo Branco em 1616. A cidade tinha como objetivo proteger a entrada da Amazônia de holandeses, franceses, ingleses e irlandeses. Em 2016, a capital completou 400 anos.

Sua cultura carrega forte representatividade da cultura indígena, em que a mulher tem um papel importante para a manutenção e organização da tribo. São elas que fazem o plantio da mandioca, matéria-prima da base alimentar da tribo, dando origem a farinha, tucupí, tapioca ou beiju e maniva (massa feita da folha da mandioca brava).

Culturalmente, a região tem traços fortes da cultura indígena marajoara, a tribo indígena que habitou o local, uma tribo que obtinha o domínio do cultivo e da produção de

cerâmica, peças hoje conhecidas como cerâmicas marajoaras pelos desenhos que são esculpidos nelas.

O falar, o cuidar e o agir da mulher paraense, carregados de singularidade e representação da região Norte, está mais que presente naquele dia a dia, e está também nas interações rotineiras, familiares e profissionais. Faz-se presente na linguagem, nas palavras que só podem ser compreendidas no estado do Pará, como, por exemplo: “fazer o rancho”, que significa fazer as compras, ou “debulhar o açaí”, que seria tirar as sementes do açaí.

Sob o processo cultural como balizador na representatividade local, a divisão do trabalho nas tribos indígenas se dava da seguinte forma: os homens eram preparados para os conflitos entre as tribos como guerreiros, e as mulheres ficavam encarregadas das tarefas, como plantio, coleta, cuidado com as crianças, manipulação dos produtos da terra, produção dos alimentos e outros.

No decorrer do processo histórico da região, a mulher ainda tem as mesmas responsabilidades quando se trata da divisão do trabalho. No período da borracha, em meados de 1871-1914, Belém recebeu o nome de *Belle Époque* brasileira ou *Belle Époque* tropical, período em que a borracha era a matéria-prima de grande valor regional, o que fez com que a capital tenha passado por um grande desenvolvimento econômico. O mercado da borracha foi um marco histórico de grande importância para a criação dos casarões e do centro histórico da capital. As mulheres paraenses nesse período ainda eram responsáveis pela produção de alguns alimentos, como farinha, tucupi, açaí, além de cuidar da casa e dos filhos, enquanto os homens trabalhavam no seringal fazendo a coleta do látex e o processo de defumação do produto para a venda.

Com a construção cultural e histórica, as mulheres foram responsáveis pela culinária do estado, na produção e confecção dos pratos típicos da região, entre eles, o pato no tucupi, camarão assado com açaí, peixe frito com açaí, tacacá, beiju e outros.

O estado tem uma culinária com insumos e produtos típicos da região. A criação de sorvetes, bebidas e pratos desperta a curiosidade de quem deseja conhecer os sabores exóticos do estado do Pará, sabores esses que passaram e passam por mãos de mulheres experientes e de expressivo conhecimento sobre os produtos e insumos locais.

### **1.3 - Culinária e gastronomia**

A culinária é o processo cultural alimentar para subsistência do ser humano, sendo mutável em virtude do processo cultural, natural, geográfico e outros. Fez com que a culinária

se tornasse identitária, simbólica, material e imaterial, consumo diário alimentar ou produto cultural. A culinária está presente e atrelada a toda dimensão produtiva, entre insumos (especiarias, frutas, legumes, leguminosas e outros) ou técnicas (modo de fazer determinado produto, forma de executar determinada preparação) presentes no cotidiano das cidades, sendo elemento de representatividade de estados, nações, povos, regiões e culturas.

A culinária é processual, sendo mesclada ou tendo infusões culturais ou de produtos, bem como de técnicas. No Brasil, país de 26 estados e o Distrito Federal, com miscigenação de processo cultural de um país colonizado, teve inserção de povos para força de trabalho ou para colonizar parte do território, sendo esses povos de origem africana, europeia, asiática (do Oriente Médio em geral), entre outros. Em virtude disso, tem também como matriz cultural os povos indígenas que aqui habitaram e habitam o território brasileiro.

Cascudo (2004) discorre sobre a culinária brasileira da seguinte forma: miscigenação de povos deu origem a miscigenação de sabores, na qual não se pode definir, é preciso experimentar o de cada estado, bem como de um todo brasileiro. O autor de origem nordestina, mediante um olhar poético sobre a culinária, consegue expressar o que de fato é encontrado em nossa culinária, o que representa culturalmente cada estado na característica do contexto alimentar do Brasil.

Os elementos da culinária local se consolidam em sua região ou estado, sendo típicos como elemento cultural. Como exemplos, citam-se: a gíngua com tapioca do Rio Grande do Norte, a moqueca capixaba do Espírito Santo, o tacacá do Pará, o acarajé da Bahia, o queijo minas de Minas Gerais, a costela gaúcha do Rio Grande do Sul e outros pratos da culinária brasileira que são elementos representativos da cultura.

A gastronomia como uma vertente da culinária vem atender a uma demanda do mercado para discutir como se trabalhar melhor os alimentos e os pratos, da cozinha convencional para uma demanda comercial. Foi em meio aos grandes hotéis que essa demanda se tornou atual e foi suprida pelos chefes de cozinhas.

A gastronomia é uma estetização da maneira de comer, que envolve desde a produção da comida até o ritual da refeição (POULAIN, 2004; RAMBOURG, 2010). Até alguns anos atrás, a gastronomia era vista como algo meramente elitizado, sendo que apenas uma pequena parcela de pessoas podia desfrutar das comidas feitas pelos chefes franceses. Esse fenômeno está ligado a vários fatores relativos à globalização (APEDOURAI, 1996; CRANE, 2012; CORTINEZ, 1976), entre os quais se destacam a ampliação da sociedade de consumo, com aprofundamento das práticas e estilos de vida associadas à estetização do cotidiano

(FEATHERSTONE, 1995), e as revoluções parciais ocorridas no interior do campo (BOURDIEU, 1996) da gastronomia (RAO; MONIN; DURAND, 2003, 2005).

A gastronomia é um fato recente no Brasil. Pode ser identificada a partir de meados dos anos 1990, quando despontou a primeira geração de chefs brasileiros, mas se consolidou e adquiriu visibilidade apenas no início do segundo milênio. Até então, o que havia entre nós eram cozinhas regionais, de tradição popular, valorizadas como patrimônio imaterial, que foram objeto de estudo de folcloristas, como Luís da Câmara Cascudo (2004).

Desde o início do século XIX, a tradição culinária dominante na corte brasileira, nos salões oficiais e nos privados, era a da alta cozinha francesa, difundida a partir de livros e compêndios especializados (COUTO, 2007). Mais tarde, em meados do século XX, a maior parte dos restaurantes sofisticados, nos principais centros urbanos do país, adotava um modelo conhecida como cozinha internacional, que vinha a ser uma versão padronizada de alguns estereótipos da gastronomia francesa, difundida a partir dos Estados Unidos (em cadeias de hotéis, como a do Hilton). No decorrer dos anos 1960, quando o hábito de jantar fora se fortaleceu, surgiram redes de restaurantes com uma forte presença do segmento imigrante. Em São Paulo, predominavam os italianos (COLLAÇO, 2009; MASANO, 2011) e, no Rio de Janeiro, os portugueses (BUENO, 2001).

A cozinha e os códigos culinários pertencem à produção e têm uma função instrumental. A gastronomia opera com códigos ligados ao consumo, que não têm função instrumental, e sim de discurso. No entanto, esses dois setores estão presentes no campo gastronômico e encontram-se ligados à difusão da culinária.

Na segunda metade do século XIX, o restaurante se consolida como a principal instituição de difusão e atualização da cultura gastronômica, lugar de criação, produção e consumo. É no interior dele que os chefs, apoiados por suas equipes, desenvolvem e encenam suas propostas, que serão consumidas e avaliadas em seus salões (HUETZ DE LEMPS; PITTE, 1990; SPANG, 2003). As propostas legitimadas serão difundidas por intermédio de livros e publicações, passando a circular por outros espaços. A existência de uma cultura gastronômica, desde o século XIX até o início do XXI, está diretamente ligada à existência de um reduto de restaurantes gastronômicos. Entre as principais fontes que alimentam esse processo de diferenciação e reinvenção da gastronomia contemporânea estão as práticas culinárias regionais.

No fluxo dessas mudanças, nos anos 1990, despontou a primeira geração de chefs brasileiros (Bueno, 2001) afinados com o movimento global. Combinando o uso das técnicas e

metodologias da gastronomia contemporânea com práticas e ingredientes das cozinhas regionais, praticamente esquecidos, inventaram o que se passou a designar como “nova gastronomia brasileira”. Iniciaram um trabalho de pesquisa e revitalização de produtos e cozinhas de diferentes regiões do Brasil, com um destaque para as tradições culinárias mineiras e nordestinas, e os produtos da Amazônia. Por meio de um processo de retraditionalização (GIDDENS, 1991, 1997), esses produtos e cozinhas ressurgem dentro de práticas culinárias distintas das receitas regionais às quais, até então, estavam atrelados.



## 2 – TURISMO

O turismo se encontra em transformação, tanto como processo (segmentação de turismo, planejamento turístico, economia do turismo e outros) como nas áreas de atuação e nas áreas conceituais. Compreende-se que o turismo teve e tem seu caráter econômico como um gerador de renda e emprego, o que de fato não pode ser refutado.

O turismo se caracteriza pelo movimento de pessoas que têm tempo estipulado para sair de seu local de origem habitual (trabalho ou residência) e a ele regressar, e que fazem uso de equipamentos turísticos. A Organização das Nações Unidas (ONU), bem como a Organização Mundial do Turismo (OMT) definem o turismo como uma “atividade que as pessoas realizam durante suas viagens e permanência em lugares distintos dos que vivem, por um período de tempo inferior a um ano consecutivo, com fins de lazer, negócios e outros”.

Para a pesquisadora Susana Gastal (2002), o turismo está em busca de um corpo de conceitos e categorias teóricas que possibilitem tanto a investigação e crítica das ideias e das práxis quanto a criação de uma linguagem comum a pesquisadores, professores e estudantes. Para melhor compreender essas ideias em torno do turismo em busca de um corpo de conceitos lançadas por Gastal, coloca-se a discussão sobre o que é turismo e suas vertentes conceituais.

O turismo, como um gerador de renda em sua dimensão voltada para o deslocamento de pessoas sob a visão de oferta e demanda, fluxo, consumo e outros (termos esses também da administração bem como da contabilidade), volta-se para a perspectiva da oferta turística, demanda turística, fluxo turístico e consumo do turismo.

O turismo acontece e se apresenta dentro de um espaço, lugar ou território, compartilhando dos conceitos da geografia para se compreendê-lo tanto como uma ciência quanto para ser observado como um fenômeno. John Tribe (2011) trabalha essa abordagem como interdisciplinaridade do turismo, trazendo um diálogo do turismo com outras ciências para assim explicar a sua ação nos diversos meios.

Suzana Gastal (2002) mostra que amplas plateias têm sido mobilizadas, deixando de lado os temas até então tradicionais nas reuniões em que a tônica eram os números de crescimento, as tendências do mercado, os produtos em alta e os destinos em baixa, e outros nessa linha. Esses temas foram substituídos por instigantes questionamentos como: O que é turismo? O que é turista? Há expressividades no denominado espaço turístico? Qual a melhor metodologia para avaliar o impacto da atividade turística sobre a economia, sobre a sociedade,

sobre o ambiente natural? Abandonando a crítica fácil e o discurso ufanista, os especialistas agora buscam investigar para entender e, assim, melhor planejar, gerir, pesquisar e ensinar esse fenômeno complexo, denominado turismo.

Para compreender a ideia central da autora ao apontar o turismo como algo complexo ou a complexidade do turismo, deve-se responder as perguntas assim feitas a partir dos conceitos vigentes e pertinentes do turismo. Assim, ao questionamento sobre o que é turismo, Margarita Barretto (2002) expõe que o turismo é o ir e vir de pessoas saindo de sua localidade para um outro lugar, tendo tempo determinado de viagem e usufruindo dos serviços turísticos. Essa proposição está em consonância com a colocação da ONU e OMT.

Silvio Figueiredo *et al.* (2013) respondem à pergunta “o que é turista?” caracterizando o mesmo como aquele que tem tempo livre, renda para gastar e faz uso dos equipamentos e suportes turísticos. Essa definição é aceita por alguns órgãos que trabalham ou tem quaisquer relações com o turismo, como, por exemplo, o próprio Ministério do Turismo.

Para uma outra corrente dos estudos de turismo, ele é experiencial e complexo. Tem em sua complexidade uma mistura influente de fenômenos interligados que se completam, de modo com que suas atuações dependam do turismo ou impactem nele, fazendo-o um fenômeno humano e econômico refletido na experiência turística.

Mas então, qual a dificuldade a resolver? Entendemos que a razão da não construção de uma teoria do turismo está na má compreensão do domínio do objeto turístico, no objeto de investigação mal definido e, conseqüentemente, na assimilação insuficiente dos conhecimentos adquiridos. Por isso ainda perguntamos se há falta de reflexão sobre o estudo. É aqui que se situa o ponto de partida do ato completo do pensamento. A amplitude do objeto desafia o entendimento humano; esse objeto que, simultaneamente, é exterior a nós. Ele está em nós e interage conosco, suporta mal o isolamento do sujeito em relação ao seu objeto. Entretanto, a hiperespecialização impede de ver o global — o sistema turístico — (que ela fragmenta em parcelas), bem como o essencial — o sujeito turístico — (que ela dilui) (MOESCH, 2013, p. 13).

O mercado turístico de serviços, eventos, equipamentos e outros, também se apropria das segmentações do turismo, tentando se enquadrar no perfil de cada turista. De acordo com as motivações da viagem, a escolha do destino e a renda do turista, a segmentação do turismo oferece experiências diferenciadas para cada público/turista distinto. É a segmentação do turismo que enquadra o perfil do turista, o mercado turístico com a demanda de público, e desenvolve estratégias de marketing turístico para os respectivos segmentos. Essa é uma abordagem contemporânea do mercado do turismo (RABAHY, 2005, p. 153-154).

A segmentação de mercado, de modo geral, visa identificar os motivos da viagem, a composição do grupo de viagem, o âmbito geográfico da viagem, o local da prática do turismo,

o tipo de transporte e alojamento utilizado, a época e a duração da viagem, os serviços requeridos, as atividades desenvolvidas, o tipo de viagem, o grau de fidelidade do consumidor, os gastos, além das características do comprador como o nível de renda, características demográficas, econômicas, geográficas e psicográficas, entre outras.

A pesquisa aborda o turismo dentro da sua complexidade e sua interdisciplinaridade. Desenvolve um olhar sobre o fenômeno turístico que melhor se define para esta pesquisa ao posicionar o turismo como uma ciência em transformação, empoderando-se de conceitos já existentes para se compreender o fenômeno turístico a ser abordado.

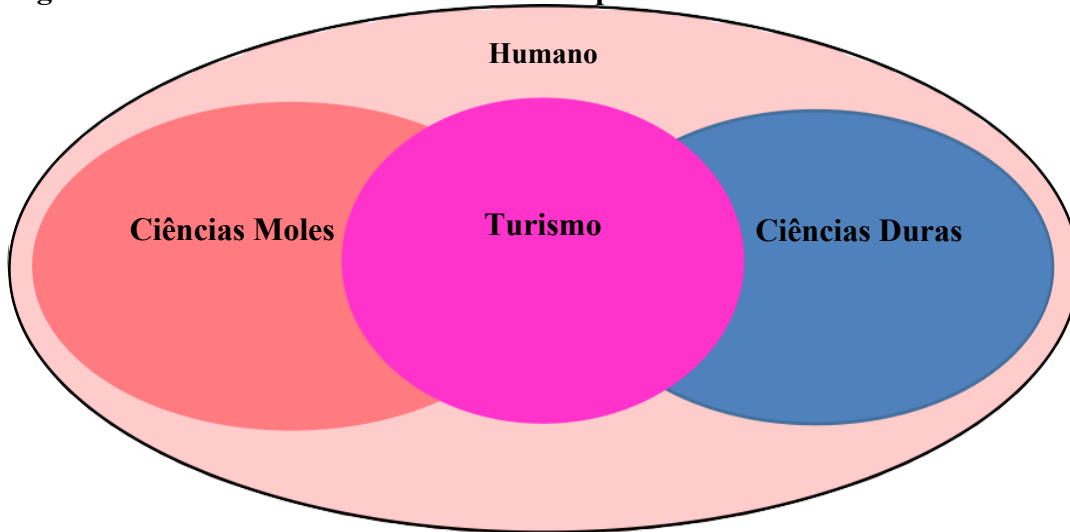
Destaca-se, assim, o uso do método para esclarecer os direcionamentos científicos acadêmicos, pois, por um determinado tempo histórico, discutiu-se o que seriam as ciências duras e as moles, dentro da academia. Definiam-se as ciências ou linhas de pensamentos a partir do método e de seu discurso ou posicionamento de pesquisa. As engenharias e as ciências exatas se fundamentavam como ciências duras; em contrapartida, a filosofia, antropologia e sociologia eram vistas como ciências moles.

Thomas Kuhn e Karl Popper (1979-2001) foram os propulsores para o fomento dessa teoria, colocando as ciências em caixas epistemológicas que não conseguiram dialogar entre si, dando por entender essa discussão como incompatível com as ciências.

Todavia, faz-se uso aqui das contribuições científicas dos autores para desenvolver uma abordagem de métodos que compreenda a complexidade do turismo em vista de sua dimensão científica. No uso dos métodos e de suas abordagens, o turismo transita pelo método científico se apropriando de conceitos das ciências duras e moles para assim entender sua dimensão fenomenológica, o que define o turismo em uma dimensão humana de fenômenos interligados, constantes e frequentes individualizados atuantes no ser humano e na sua humanização, cultural, social, econômica, política, normativa, filosófica e psicológica.

A seguir, a Figura 1 ilustra essa definição do conceito do turismo no contexto desta pesquisa, demonstrando como a abordagem vai se dar na complexidade do fenômeno turístico.

**Figura 1 - Conceito de turismo em sua complexidade.**



Fonte: Thomas Kuhn e Karl Popper (1979- 2001), criação própria.

O objetivo da temática é compreender o turismo dentro da sua complexidade e a interdisciplinaridade do turismo. Nesse sentido, Thomas Kuhn e Karl Popper (1979-2001) desenvolvem a ideia das ciências que aqui se apresentam (Ciências moles e Ciências Duras) como elementos integrantes do fenômeno turístico, a partir do recorte do objeto a ser estudado.

Se o turismo é um fenômeno constante e complexo, ele vai acontecer em um lugar, território e em um espaço. Apresenta-se em um contexto a ser explicado por meio de métodos tanto qualitativos como quantitativos, como, por exemplo, a capacidade de carga do espaço turístico ou a percepção do turista sobre o atrativo.

Ainda que se apresente o turismo como fenômeno complexo e interdisciplinar, todavia, o que se compreende é uma parte de um todo. Desse modo, a pesquisa de turismo sempre terá o elemento humano como sendo o primordial para determinar o fenômeno, e como ele é preenchido em toda a sua dimensão no recorte espacial.

Na representação desse esquema coloca-se o ser humano como maestro do fenômeno turístico, pois ele vai ser estudado de acordo com o foco da pesquisa. Sabe-se que o ser humano é a peça fundamental para a abordagem do método ao se fazerem as coletas. Dentro da complexidade do turismo e de sua interdisciplinaridade, o turismo como fenômeno fará uso das ciências duras e moles para assim ser explicado.

## **2.1 - Turismo cultural, identidade e patrimônio**

Dentre os muitos segmentos turísticos, o turismo cultural destaca-se como o que melhor se enquadra nas abordagens desta pesquisa, pela importância da simbologia, experiência

e valorização cultural de uma região como definição desse segmento. Para Margarita Barreto (2009), o turismo cultural é aquele cujo principal atrativo é a cor local, as comidas, as manifestações artísticas e folclóricas que lembram o passado. A definição de turismo cultural, por Bahl (2009), abarca os aspectos sociais e históricos que caracterizam uma determinada localidade.

O turismo cultural está nitidamente ligado ao simbolismo de uma determinada cultura. Dentro da definição do segmento e nos conceitos de turismo emissor, o segmento do turismo cultural se dá a partir da localidade receptora de turistas, a qual se oferece às práticas e aos rituais culturais como produtos com um potencial atrativo. Esse segmento tem por objetivo proporcionar uma experiência de consumo oriunda do simbolismo cultural.

A primeira preocupação que desafia os profissionais de turismo é como pensar a relação turismo e identidade local dentro de uma perspectiva de desenvolvimento equilibrado. Para isso, é preciso compreender a interação da cultura com o processo de desenvolvimento econômico (HONÓRIO; BARROS, 2003).

Em suma, a cultura é a interação de laços simbólicos e constantes mudanças nos grupos sociais. A alimentação é direcionada pela cultura, e isso pode ser visto em todo o processo histórico da humanidade (MONTANARI, 1998). A cultura simbólica dos alimentos de um grupo está também enraizada nas suas manifestações folclóricas e na identidade cultural local.

A identidade cultural sob o olhar atento do turismo vem sendo desafiada, pois o turismo, em meio ao processo econômico em que se enquadra, busca atender as necessidades locais, bem como alcançar uma sustentabilidade ao tratar da cultura local. Isso para que não se apresente meramente como um produto, mas que o turista compreenda a profundidade e a representação cultural do lugar ou do território como simbólica.

A ideia que se contrapõe dentro dessa visão é a que pode contrariar a lógica do turismo autossustentável, o qual quer respeitar e preservar a natureza, o patrimônio histórico local, as manifestações culturais e as expressões de vida de um povo (HONÓRIO; BARROS, 2003).

A dimensão sustentável do turismo é definida pelas características de vínculo entre grupos e sociedades na busca da manutenção do saber cultural e técnico, tal como preservação das ações ou representações culturais. O turismo como fenômeno tanto pode se direcionar como fonte de renda econômica de desenvolvimento local e aumento do Produto Interno Bruto (PIB),

como pode ser um predador da cultura e do simbolismo cultural local, degradando ou extinguindo a cultura local em prol do processo econômico rentável ao mercado.

A perda da cultura ou dos elos do processo cultural é também uma perda do patrimônio, tanto material como de obras arquitetônicas, centros históricos, saberes técnicos, produtos alimentícios, e outros. O conceito de “patrimônio”, conforme definido por Berenice Neves (2003), indica que patrimônio cultural é um conjunto de bens materiais e imateriais representativos da cultura de um grupo ou de uma sociedade.

No conceito amplo de patrimônio cultural estão presentes as esferas da natureza, o meio ambiente natural em que os seres humanos habitam e transformam para sobreviver e realizar suas necessidades materiais e simbólicas, o conhecimento, as habilidades, o saber fazer humano, necessário para a construção da existência em toda sua plenitude, e os chamados bens culturais, que são os produtos resultantes da ação dos seres humanos na natureza.

Berenice Neves (2003) considera que é necessário deixar claro que a discussão sobre cultura e patrimônio cultural é fundamental para se pensar as condições de exercício da cidadania. Quando se fala acerca dos produtos da cultura, ou seja, do patrimônio cultural, está se tratando de parte fundamental da sociedade, de nós, de todos, de cada um em particular, da alma e das emoções.

Em relação à defesa e garantia de resguardar o patrimônio cultural, o processo do turismo cultural patrimonial requer cuidados e políticas específicas que possam respaldar a localidade estudada. Isso para que o patrimônio que se apresenta para o turista seja, além de tudo, a representação de pertencimento do morador local. Desse modo, esse morador apropria-se das representatividades simbólicas locais e as manifesta retomando as raízes históricas para o cotidiano do grupo.

O turismo, além de um importante instrumento de promoção social e de dinamização econômica, é também, principalmente uma atividade cultural. Essa atividade consiste em conhecer lugares, participar de apresentações de cada região, compartilhar com nativos a experiência de uma feira local, assistir às manifestações artísticas, degustar pratos típicos de cada região. Compartilhar com nativos a experiência de uma feira local é conhecer elementos que dizem respeito a pessoas e suas sensibilidades, seus nomes e valores, suas normas e emoções. É um exercício de se colocar, por alguns momentos, na condição do outro que experimenta cotidianamente aquilo que, aos turistas, é proporcionado fortuitamente (NEVES, 2003, p. 59).

## 2.2 - Turismo gastronômico

O turismo gastronômico é uma vertente do turismo cultural de alimentos, parte do patrimônio material, passível a uma experimentação, apreciação e compartilhamento com turistas (GÂNDARA; GIMENES; MASCARENHAS, 2009). Atribui-se, assim, à refeição o caráter de consumo simbólico da cultura de uma região ou localidade.

A culinária ou a gastronomia como atrativos na definição de lazer se fixam em bases regionais e locais, ressaltando seus produtos, bem como suas técnicas culinárias, características representativas de culturas internas e externas mescladas e fundidas em prol de satisfazer uma necessidade fixa e biológica do ser humano. O que as diferencia é o valor dado ao modo de se preparar esses alimentos tidos como culturais ou típicos.

O turismo gastronômico pode ser operacionalizado a partir de atrativos como culinária regional, eventos gastronômicos e oferta de estabelecimentos de alimentos e bebidas diferenciados, bem como roteiros, rotas e circuitos gastronômicos (GÂNDARA; GIMENES; MASCARENHAS, 2009, p. 181).

O conceito ou termo para alguns autores do turismo gastronômico coloca como destaque a culinária ou a gastronomia como atrativos de lazer e cultura de um determinado espaço turístico. Fomenta-se o fluxo turístico ao destacar a culinária cultural local como um produto de oferta turística dentro do local a ser visitado.

A definição de alimentos e bebidas, sob a ótica do turismo, demarca a área como parte do patrimônio cultural de um povo. Por meio da comida e da bebida, as pessoas mostram a que grupo social pertencem (LOHMANN; NETTO, 2008).

Dentro da estrutura do sistema organizacional do turismo, considerando que as ofertas têm em vista suas demandas, existe a oferta de alimentos e bebidas no circuito turístico. Nesse sentido, destacam-se aqui os roteiros gastronômicos, como, por exemplo, os roteiros de degustação de vinhos e harmonização, na região Sul do Brasil.

Olhar o turismo pela ótica de uma ciência complexa e interdisciplinar é compreender que a gastronomia ou a culinária fazem parte de um processo econômico. Contudo, neste estudo, essa visão se coloca sob um olhar experiencial transformador e humano.

O turismo contribui para o conhecimento de tradições culturais que ficavam no anonimato ou estavam em desuso. Além desse conhecimento, destaca-se aqui um benefício em potencial do turismo, ao se mostrarem os fatos e a realidade da atuação do turismo como sustentável.

No território brasileiro, a região Norte deste país se destaca por ser uma região de difícil acesso, para a qual as passagens têm preços elevados, tendo em vista outras cidades, e as estradas não são bem pavimentadas. Contudo, ainda assim, o turismo coloca a região como atrativa, e estimula-se, pelo *marketing* turístico, o consumo cultural da região. Em 2017, o Ministério do Turismo fez uma pesquisa na qual colocava a cidade de Belém do Pará como a que apresenta a gastronomia mais bem avaliada pelos turistas internacionais. Além disso, a Unesco colocou a cidade no ranking de cidades criativas, devido à gastronomia local.

Em vista desses títulos, o turismo promove a gastronomia como um dos produtos ofertados para o turista em Belém, o que beneficia também a culinária local, assim como os pequenos produtores e aquece o comércio no ramo alimentício. Para o turista, a experiência de sabores é única, indo da gastronomia de singularidade dos produtos locais a pratos ácidos e frutas de sabores fortes e exóticos que despertam a curiosidade, gerando uma experiência agradável e individual.

Coloca-se, assim, o turismo cultural em uma realidade concreta e plausível, sendo ele tanto um gerador de renda como uma fonte de experiências individuais. Capaz de beneficiar os produtores da região no fomento da venda de produtos locais e de ser transformador para o turista, esse é um exemplo que se busca destacar do turismo como conceito. O ser humano é o atuante dos fenômenos, que se representa e se apresenta em vários cenários, tanto no econômico quanto no experiencial.

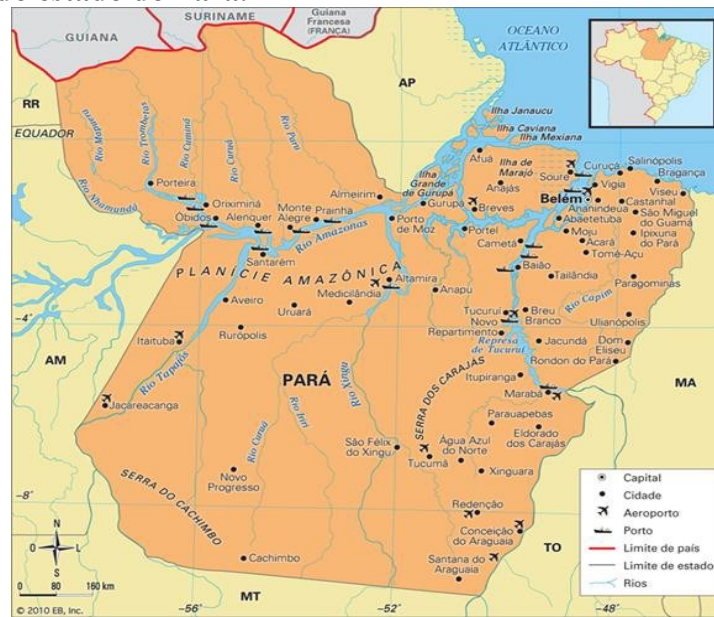
Essa abordagem da pesquisa leva a considerar a dinâmica complexa do turismo e como vai ser compreendida pelo ser humano na sua realidade. Em vista do direcionamento do fenômeno, o destaque do turismo gastronômico é o elo de compreensão para buscar as respostas pertinentes da pesquisa, definindo os conceitos balizadores que aqui se apresentam.

### **2.3 - Espaços turísticos de Belém**

O turismo no estado de Belém tem grande representatividade nos segmentos de turismo gastronômico, turismo cultural, turismo de sol e praia, e turismo de aventura, os quais caracterizam a vocação turística da região. O estado do Pará (Figura 2) tem dentro de seu território uma parcela da floresta amazônica, que, por sua vez, estimula o fluxo turístico.



**Figura 2 - Mapa do estado do Pará.**



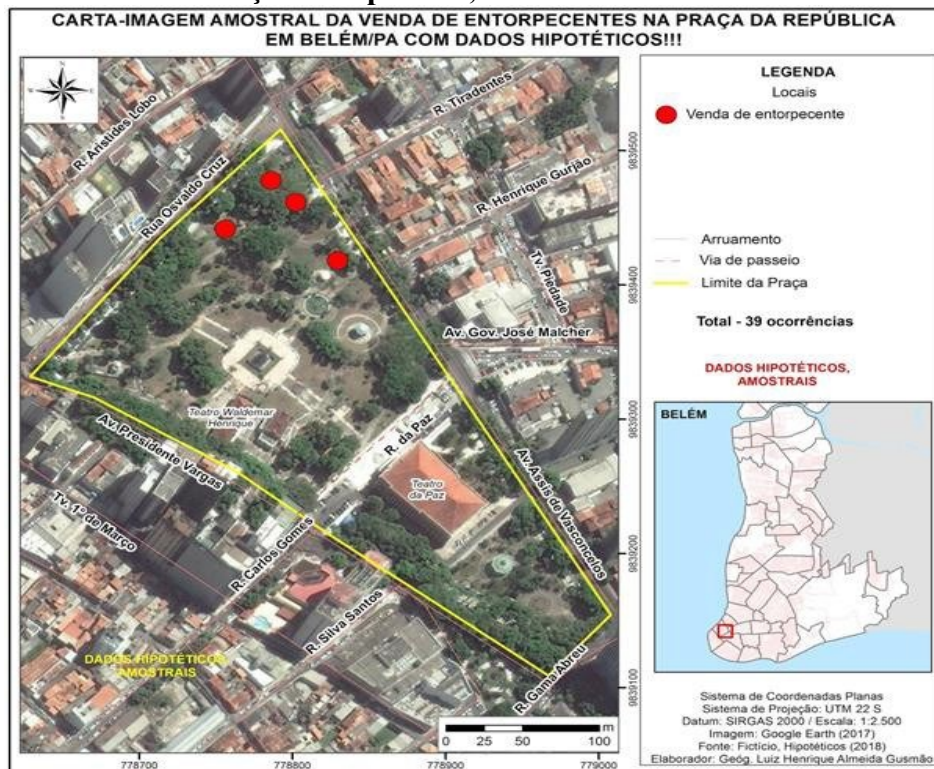
Fonte: Acervo do Departamento de Geografia, Universidade Federal do Pará – UFPA.

O turismo cultural dá-se em meio à sua representatividade histórica, seus casarões e suas igrejas, que fazem parte do patrimônio histórico material e imaterial de Belém. A singularidade do clima, sendo uma cidade tropical de calor úmido, estimula o turismo de sol e praia com uma grande variedade de praias de água salgada, assim como o diferencial de rios que formam praias de água doce, dando ao estado uma diversidade de atrativos. Isso faz de Belém do Pará um potencial ponto turístico na Região Norte.

O turismo gastronômico também é um atrativo para a diversidade de sabores que existe no estado, despertando a curiosidade do turista. Ingredientes singulares e produtos de sabor forte e intenso são característicos da culinária local. A influência indígena é ainda presente, tendo representação forte tanto na gastronomia quanto no artesanato, na cultura local e na culinária.

Esta pesquisa destaca dois atrativos turísticos do estado do Pará: a Praça da República e o mercado Ver-o-Peso. Trata-se de locais que ofertam o serviço de alimentos e bebidas para o turista, destacando-se as dimensões do espaço onde foram feitas as coletas dos dados com mulheres prestadoras de serviços.

**Figura 3 - Dimensão da Praça da República, Belém-PA.**



Fonte: Página oficial do governo do estado do Pará.

A Praça da República (Figura 3) foi fundada no auge da produção de borracha no Estado. A economia, que se voltava para a matéria prima do látex, teve grande importância para o crescimento e o desenvolvimento local. O principal monumento que é patrimônio regional se localiza no centro da praça, o Teatro da Paz. A obra arquitetônica de grande ostentação traz para os visitantes uma arquitetura de influência francesa, tendo sua matéria prima, para fundação, vinda da Europa.

Os objetos decorativos do teatro, como espelhos, lustres, afrescos e cortinas, foram escolhidos com muito critério, pois a sociedade da época primava pelo que havia de melhor no mundo. Nos arredores da praça se encontra um dos primeiros cinemas do Brasil, o mais antigo ainda em uso. A cidade se destaca por sua riqueza em detalhes e pela importância histórica que o estado tem dentro da Região Norte.

O cinema Olímpia e o Teatro da Paz são lembranças da luxuosidade cultural em que a capital amazônica viria a se transformar. Eles foram também símbolos de poder, grandeza e de inovação, direcionando-se para poucos o consumo desses espaços e seu uso. Aqueles que detinham alto poder aquisitivo almejavam transformar a cidade, tendo por modelo as cidades europeias, nomeando as ruas como na França e até projetando uma estrutura de planejamento urbano como a de Veneza, quanto a seus córregos.

O segundo projeto não foi posto em prática, mas se faz importante lembrar o quão ambicioso foi o planejamento da cidade. Hoje essas obras, que são patrimônios materiais, turísticos e que contribuem para a economia, encontram-se no centro da cidade de Belém, onde se recordam os anos de ouro do Estado.

O segundo ponto turístico da coleta de dados trata-se do Ver-o-Peso, feira aberta ao ar livre à beira do rio Guajará, considerada uma das maiores da América Latina (Figura 4). O Ver-o-Peso nada mais é do que o ponto de recebimento e venda de mercadorias, pois os produtos vêm dos produtores locais, tais como: farinha de mandioca, açaí, mandioca, maniva, frutas, legumes e pescado. Há uma variedade de produtos regionais; contudo, a feira também revende mercadorias de outros estados, como, por exemplo, procedentes do Amazonas e do Maranhão.

**Figura 4 - Dimensão do espaço do Ver-o-Peso.**



Fonte: Imagem extraída da página oficial do governo do estado Pará (cf. <http://www.belem.pa.gov.br/>).

O Ver-o-Peso é um patrimônio de referência para os paraenses. À primeira vista, trata-se de uma feira única e com muita informação, mas logo se percebe que ela é toda setorizada. Nas suas dimensões há lugares como a feira do açaí, a feira do peixe ou mercado de ferro, as bancas de comidas ou praça de alimentação, a feira da farinha e a feira de frutas e legumes.

Essa singularidade do espaço também turístico do Ver-o-Peso encanta os turistas, de fluxo local e internacional. Os alimentos comercializados são oriundos da cultura local. É

comum ver alimentos na feira como o peixe frito com açaí, maniçoba, tacacá, tapioca, pato no tucupi, entre outros.

A alimentação e o sincretismo religioso fazem parte do mesmo espaço. Há uma parte da feira onde se tem o artesanato local, obras que trazem os traços da cultura indígena nos traços da arte marajoara, em cerâmica e outros materiais. Os banhos de cheiro também são características presentes da feira, técnicas que são passadas de gerações em gerações, entre as famílias que fazem da cultura um elemento comercial para a subsistência.

### 3 – TRABALHO

Ao explorar a definição etimológica da palavra “trabalho” a partir de um dicionário (HOUAISS, 2004), tem-se a origem no termo do latim *tripalium*. A palavra é formada pela junção de *tri*, que tem como significado “três” e *palum*, que representa madeira. *Tripalium* era um objeto usado para tortura, constituído de três estacas de madeira afiadas (similar à lança). Do latim, o termo teve sua representação na língua francesa, passando a *travailler*, que adquire o significado de “sentir dor”. Ao longo do tempo, a palavra foi adquirindo outros significados, como o de fazer uma atividade exaustiva ou executar uma tarefa difícil. E assim,

foi por volta do século XIV que o termo e o significado da palavra foi se assemelhando com o que conhecemos, sendo uma aplicação das forças das faculdades (talentos, habilidades) humanas para alcançar um determinado fim, especialmente no período da Revolução Industrial, a palavra trabalho teve as atividades profissionais impostas, atualmente uma série de diferentes significados quais sejam: conjunto de atividades, produtivas ou criativas que o homem exerce para atingir determinado fim: Atividade profissional regular, remunerada ou assalariada (HOUAISS, 2004, p. 726).

O conceito de trabalho pode ser caracterizado sob várias perspectivas. Ao buscar defini-lo de forma mais objetiva, pode-se afirmar que é uma atividade com um objetivo no qual se tem um gasto de energia por meio de um conjunto de atividades coordenadas que visam à produção de algo de utilidade ou relevância. O trabalho ainda pode ser agradável ou desagradável, ter ou não natureza econômica, assim como pode estar atrelado a um emprego em sua execução ou não.

O conceito de trabalho de Antunes (1995) não inclui quem vende a força de trabalho, no entanto compreende as ideias de trabalhador produtivo e trabalhador improdutivo. Para embasar seus argumentos conceituais no que se trata da centralidade do trabalho e sua relevância na sociedade, considera que o trabalho é elemento essencial e fundamental da existência humana. Já para Fryer e Payne (1984 *apud* MORIN, 2001), o trabalho seria uma atividade útil, determinada por um objetivo definido, além do prazer gerado por sua execução.

Antunes (1995) mostra que as classes que vivem do trabalho englobam homens e mulheres, produtivos e improdutos, desprovidos de meios de produção e que são levados a vender a sua força de trabalho no campo e na cidade em troca de remuneração ou salário. Ainda para Antunes (1995), o trabalho assalariado bem como o modo de produção capitalista vão ao

encontro de uma forma de trabalho alienada, em que o artefato consequente surge ao trabalhador como algo desconhecido.

Com isso, os diversos arranjos no que diz respeito ao processo do trabalho, os trabalhadores(as) executam tarefas cada vez mais especializadas e estruturadas sucessivamente. O autor compreende as classes trabalhadoras dos dias atuais, a qual classifica como classe que vive do trabalho, classes essa que que atualmente se apresenta com estrutura do trabalho em que uma nova estão jovens trabalhadores: novo jovem proletariado ultra explorado que desempenha suas funções no setor de serviços (hipermercado, cal center, hotéis comércio, etc.) (ANTUNES, 1995, p. 2015-214).

Por milhares de anos até o advento da indústria os que ocupavam o alto da pirâmide social os aristocratas, os proprietários de terras, os intelectuais na verdade não trabalhavam. Não era do trabalho que obtinham riqueza e prestígio, mas do nome de família, da proteção às artes e letras e de rendas. Hoje, entretanto, um empresário, administrador ou diretor geral trabalha muito mais horas que um operário ou empregado. Em suma, antigamente quanto mais rico, menos a pessoa trabalhava, podendo dedicar-se a si, à família e aos amigos; hoje, entretanto, quando mais rico, mais o homem trabalha, descuidando de si e dos outros. O trabalho passou de castigo a privilégio (MASI, 1999, p. 13).

Compreende-se que trabalho é uma palavra de histórico antigo e de acentuada complexidade, contudo, para que se tenha uma relação de trabalho, é preciso que se tenha a figura do emprego. A palavra “emprego” tem suas origens etimológicas do latim *implicare*, que tem como significado: juntar, unir e enlaçar (HOUAISS, 2004). Esse termo, a partir da junção do prefixo *in*, que tem por significado “em”, e da palavra *plicare*, que se refere a “enrolar” ou “dobrar”, originalmente *implicare* designava o ato de envolver alguém em determinada situação, reunião ou ato.

Com o processo histórico, o termo *implicare* na grafia da língua portuguesa, teria o passado por várias etapas. Ao final do século XV, quando foi definida a forma de *empregar*, a palavra começou a ser utilizada para definir as condições das pessoas que se ocupavam com uma função ou um trabalho fixo.

É importante que sejam formuladas políticas públicas com o intuito de promover melhores empregos, ampliar e melhorar a proteção social, impulsionar a educação e a capacidade para o trabalho, combater o trabalho infantil, o trabalho escravo e todas as formas de discriminação no ambiente de trabalho e de fortalecer os direitos trabalhistas.

A Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) sempre manteve uma legislação apta a proteger o trabalhador, a regular as relações de trabalho e estabelecer regras dos direitos dos trabalhadores. Recentemente a CLT passou por mudanças na legislação. A reforma trabalhista,

mediante a Lei nº 13.467/2017, alterou diversos artigos e entrou em vigor sem um amplo debate com a sociedade civil.

Ao se estudarem as relações de trabalho, percebe-se a importância de tratar de três dos dezessete objetivos do desenvolvimento sustentável. Para abordar tais objetivos, faz-se importante a seguinte explicação: no mês de janeiro de 2016, começou a vigorar a resolução da Organização das Nações Unidas (ONU) intitulada “Transformar o nosso mundo: agenda 2030 de desenvolvimento sustentável”. A resolução é composta dos dezessete objetivos, desdobrados em metas, aprovadas por líderes mundiais no mês de setembro do ano de 2015. Esses objetivos foram aprovados por unanimidade através de 193 estados-membros da ONU, que se reuniram em assembleia geral, salientando-se que nenhum país membro da ONU poderá ser excluído.

Cabe destacar que existem diferenças entre crescimento econômico e desenvolvimento econômico. De forma compreensível, pode-se esclarecer que o crescimento econômico está relacionado ao Produto Interno Bruto (PIB) de um país, enquanto o desenvolvimento econômico está relacionado a diversos aspectos e, entre eles, bem-estar da população, qualidade de vida, saúde, infraestrutura e mudanças da estrutura socioeconômica de uma região ou país por meio de indicadores sociais. Assim, uma das metas é

sustentar o crescimento econômico do *per capita* de acordo com as circunstâncias nacionais e, em particular, um crescimento anual de pelo menos 7% do produto interno bruto (PIB) nos países menos desenvolvidos. Atingir níveis mais elevados de produtividade das economias através da diversificação, modernização tecnológica e inovação, inclusive através da focalização em setores de alto valor agregado e dos setores de mão-de-obra intensiva (ODS, Brasil, 2017, p. 51).

As metas econômicas do Brasil caminham para um sentido de estímulo voltado ao crescimento econômico sustentável, em vista do aumento da produção e da inovação tecnológica, conforme trata o documento:

Até 20130, elaborar e implementar políticas para promover o turismo sustentável, que cria empregos e promove a cultura e os produtos locais;

Fortalecer a capacidade das instituições financeiras nacionais para incentivar a expansão do acesso aos serviços bancários, de seguros e financeiros para todos;

Aumentar o apoio à iniciativa de ajuda para comércio para os países em desenvolvimento, particularmente os países menos desenvolvidos, inclusive através do quadro integrado reforçado para a assistência tecnológica relacionada com o comércio para os países menos desenvolvidos;



Até 2020, desenvolver e operacionalizar uma estratégia global para o emprego dos jovens e implementar o Pacto Mundial para o Emprego da Organização Internacional do Trabalho (OIT) (ODS, Brasil, 2017, p. 51).

As desigualdades sociais também podem ser caracterizadas como desigualdade econômica, que atualmente é um problema social que está presente em grande parte dos países ao redor do mundo. Parte das relações sociais é capaz de determinar um lugar aos tratados como desiguais, seja por questões de raça, gênero, crença, classe econômica, ou outras. Essas desigualdades têm o poder de prejudicar e limitar o acesso a direitos básicos, que são garantidos constitucionalmente.

Até 2030, progressivamente alcançar, e manter de forma sustentável, o crescimento do rendimento dos 40% da população mais pobre a um ritmo maior do que o da média nacional;

Até 2030, empoderar e promover a inclusão social, econômica e política de todos independentemente da idade, gênero, deficiência, raça, etnia, origem religiosa, condição econômica ou outra;

Garantir a igualdade de oportunidade reduzir as desigualdades de resultados, inclusive através da alimentação, políticas e ações adequadas a este respeito; Adotar políticas, especialmente ao nível fiscal, salarial e de proteção social, e alcançar progressivamente uma maior igualdade;

Melhor a regulamentação e monitorização dos mercados e instituições financeiras globais e fortalecer a implementação de tais regulamentações;

Assegurar uma representação e voz mais forte dos países em desenvolvimento em tomadas de decisão nas instituições mais eficazes, credíveis, responsáveis e legítimas;

Facilitar a migração e a mobilidade das pessoas de forma ordenada, segura, regular e responsável, inclusive através da implementação de políticas de migração planeadas e bem geridas;

Implementar o princípio do tratamento especial e diferenciado para países em desenvolvimento, em particular para os países menos desenvolvidos, em conformidade com os acordos da Organização Mundial do Comércio.

Incentivar a assistência oficial ao desenvolvimento e fluxos financeiros, incluindo o investimento externo direto, para os Estados onde a necessidade é maior, em particular os países menos desenvolvidos, os países africanos, os pequenos estados insulares em desenvolvimento e os países em desenvolvimento sem litoral, de acordo com os seus planos e programas nacionais.

Até 2030, reduzir para menos de 3% os custos de transação de remessas dos migrantes e eliminar os mecanismos de remessas com custos superiores a 5% (ODS, Brasil, 2017, p. 52-53).

Ao analisar as metas a serem desenvolvidas enquanto propostas, percebe-se que o foco e o objetivo não são unicamente a erradicação da pobreza em todas as suas dimensões, mas a redução das desigualdades socioeconômicas e o combate às discriminações de todas as espécies. Esse objetivo requer a participação de todos os setores econômicos na busca pela promoção de oportunidades para pessoas e grupos que se encontram excluídos ou à margem da sociedade.



## 4 – GÊNERO

A luta travada pela igualdade de gênero vem se desenvolvendo há algum tempo, mas foi ganhando espaço por volta do século XX, tendo o movimento feminista como seu balizador e sua base. O feminismo teve origem no movimento francês, em que uma de suas principais representantes foi Simone de Beauvoir (1908-1986), autora da frase “não se nasce mulher, torna-se”, a qual designou um papel de grande importância para o fomento da luta. Nesse sentido,

na gramática, gênero é compreendido como meio de classificar fenômenos, um sistema de distinções socialmente acordado mais do que uma descrição objetiva de traços inerentes. Além disso, as classificações sugerem uma relação entre categorias que permite distinções ou agrupamentos separados (JOAN SCOTT, 1995, p. 86).

O conceito de “gênero” traz à tona a relação homem e mulher, bem como o posicionamento da mulher perante uma sociedade patriarcal. As feministas fizeram uso da palavra “gênero”, com maior seriedade, a partir do sentido literal da palavra, referindo-se à relação social entre sexos. Atualmente o gênero é uma categoria de análise que tem o seu recorte demarcado, mostrando problemáticas e justificativas de relevância e importância social.

As teóricas do patriarcado concentraram sua atenção na subordinação das mulheres e encontraram a explicação na “necessidade” do macho dominar as mulheres. Na adaptação engenhosa de Hegel, Mary O’Brien, define a dominação masculina como um efeito do desejo dos homens de transcender a sua privação dos meios de reprodução da espécie. O princípio da continuidade de geração restitui a primazia da paternidade e obscurece o labor real e a realidade social do trabalho das mulheres no parto. A fonte da libertação das mulheres se encontra “numa compreensão adequada do processo de reprodução”, numa avaliação das contradições entre a natureza do trabalho reprodutivo das mulheres e a mistificação ideológica (masculina) deste (JOAN SCOTT, 1996, p. 94).

A mulher ainda é tratada de forma inferior quanto ao seu potencial intelectual ou à força física de trabalho, e ainda tem seu corpo objetificado. A luta do movimento feminista vem de encontro a esses problemas sociais, trazendo também seu posicionamento ao tratar gênero e trabalho. Isso porque

a divisão do trabalho assume formas conjunturais e históricas, constrói-se como prática social, ora conservando tradições que ordenam tarefas masculinas e

tarefas femininas na indústria, ora criando modalidades da divisão sexual das tarefas.

A subordinação de gênero, a assimetria nas relações de trabalho masculinas e femininas se manifesta não apenas na divisão de tarefas, mas nos critérios que definem a qualificação das tarefas, nos salários, na disciplina do trabalho. A divisão sexual do trabalho não é tão somente uma consequência da distribuição do trabalho por ramos ou setores de atividade, senão também o princípio organizador da desigualdade no trabalho (LOBO, 1991, p.58.)

O autor discute uma realidade ainda vigente, pois a divisão do trabalho, bem como sua distribuição, ainda não é justa e igualitária. O homem ainda ganha mais do que as mulheres. E mesmo que uma mulher faça a mesma função ou exerça o mesmo cargo, ganha menos, simplesmente por ser mulher. É contra essas injustiças que o movimento feminista vem lutando, a fim de acabar com essas desigualdades.

O trabalho gratuito não aparece na circulação do sistema econômico; de fato, quando as mulheres estão lavando e passando a roupa da família, não se paga uma lavanderia ou um serviço a terceiros; quando elas estão na cozinha passando algumas horas preparando uma refeição para a família, não estão pagando uma comida vinda do mercado, por exemplo, a marmita, os assados vindos dos supermercados, os restaurantes; da mesma forma, o cuidado com as crianças e idosos, sua saúde, alimentação e guarda, o acompanhamento aos postos de saúde, aos médicos, à escola, não estão pagando a guarda destes a terceiros, nem o transportes escolar (NEUZA ARAÚJO, 2010, p. 96.)

Pode se observar que o trabalho da mulher reflete na abordagem de gênero como objeto de estudo, no qual a mulher e sua força de trabalho doméstico não tem o mesmo valor de uma profissão ou uma atuação remunerada. Essa abordagem, bem como esse posicionamento desencadeiam um olhar que diminui e inferioriza a mulher.

#### **4.1 - O movimento feminista**

O movimento feminista suscita discussões sociais, políticas, econômicas, ambientais, entre outros. Trabalhar o feminismo é trabalhar um contexto histórico de luta e resistência contra um sistema machista e opressor consolidado em todo o mundo. As correntes que encarnam o movimento em diferentes momentos seguem um contexto histórico de mudanças que acabam por ser definidas em grupos, como movimento feminista de mulheres negras, indígenas, artesãs e outros, dando voz à luta de grupos mais específicas.

Trata-se de uma tomada de consciência, de início individual. Depois coletiva, seguida de uma revolta contra a organização das relações entre os sexos, e a posição subordinada que as mulheres ocupam, nestas relações, numa dada sociedade, em um dado momento de sua história. Trata-se também de uma luta para mudar essas relações e esta situação (TOUPIN, 1998).

Para compreender o feminismo, deve-se buscar compreender o movimento, bem como suas bases estruturais. Para a autora Chimamanda Ngozi Adichie (2015), feminista é a pessoa que acredita na igualdade social, política e econômica entre os sexos. As definições sobre o feminismo são demasiadamente coerentes, pois o feminismo adentra-se na crítica das discussões de gênero para assim dar voz às mulheres da sociedade como um todo.

A professora Neuza de Farias Araújo (2010), na obra *Contribuição econômica das mulheres para a família e a sociedade*, faz um levantamento objetivo e panorâmico sobre as várias correntes do movimento feminista. Cita-as como feminismo liberal igualitário, feminismo das tradições marxistas, feminismo radical e feminismo popular.

Esses movimentos dão força às mulheres em suas lutas por igualdade. Contudo, os movimentos ainda se contradizem em prioridades ou em seus critérios objetivos, como foi tratado no início. Deve-se, então, entender as mudanças do discurso das prioridades conceituais dos movimentos dentro do seu contexto histórico.

De maneira geral, a corrente feminista liberal igualitária está alinhada com a filosofia do liberalismo, o que significa afirmar que o feminismo liberal igualitário acredita em uma sociedade capitalista possível de ser aperfeiçoada (ARAÚJO, 2010, p. 37).

Para as feministas marxistas ortodoxas, é a organização econômica do capitalismo que explora os dois sexos. A opressão das mulheres é, com efeito, datada historicamente: a opressão sobre as mulheres, para as marxistas, nasceu com o surgimento da propriedade privada (ARAÚJO, 2010, p. 39).

Feminismo radical constitui a grande ruptura operada pelo neofeminismo do fim da década de 60. “Radical” significava que se devia retornar bem atrás, na explicação da subordinação das mulheres, à “raiz” do sistema. O sistema ao qual se fazia referência não era, como alegavam os marxistas, o sistema econômico capitalista, mas o sistema social de sexos, que será designado por patriarcado (ARAÚJO, 2010, p. 41-42).

Feminismo popular, trata-se de um feminismo cuja prática está fixada no cotidiano e cujas mobilizações se organizam em torno da sobrevivência das famílias ou das comunidades. Estas mobilizações constituem espaços e momentos extremamente importantes, ou seja, de uma tomada de consciência, da geração de subjetividade e construção de identidade (ARAÚJO, 2010, p. 47).

O elo em comum deixado, e resistente, do movimento feminista, é a mulher em seu lugar na tomada de decisão, sendo ouvida e se colocando como resistência em meio a uma sociedade que não se posiciona igualitariamente, e que não dá segurança e respeito para a mulher, na qual ela não se coloca como o “sexo frágil”, mas com igualdade ao homem. Os princípios sociais do posicionamento da mulher colocam-se ao refletirem o papel atuante das mulheres em meio à crítica profunda da moral social da superioridade masculina.

As feministas destacaram a relação entre gênero e poder: tem sido, sobretudo, através do contributo das radicais que se tem enfatizado, na sociologia, a violência dos homens, nas dimensões físicas, psicológica, ideológica e sexual. [...] podemos definir movimento social como aqueles movimentos que se constituem por: atores/atrizes sociais que reclamam se reconhecidos/as como atores/atrizes políticos/as pela comunidade alargada; que apresentem valores que venham a ter efeitos vinculativos para a sociedade como um todo; cujos modos de ação possam vir a ser reconhecidos como legítimos; e cujas reivindicações digam respeito a toda a sociedade no sentido de uma mudança da organização social englobando os padrões da política, da cultura, do pensamento, da economia e da ética, mudança essas contextualizada regional e historicamente (MAGALHÃES, 1995, p. 22-23).

É possível concluir que o movimento feminista é um movimento social que busca mudanças objetivas e relevantes em todos os âmbitos para as mulheres. Ainda é presente na sociedade uma resistência no que diz respeito ao olhar sobre a mulher, que ainda é vista como um grupo à margem em relação à igualdade por direitos. Em contrapartida, o movimento feminista vem dar voz a esse grupo, colocando-se contra esse posicionamento e buscando melhorias para uma mudança de situação na realidade atual das mulheres.

## 5 – METODOLOGIA

O uso do método é adotado para melhor coletar os dados. A pesquisa se apresenta em caráter qualitativo, pois quer compreender melhor o papel da mulher no trabalho. Para isso, a pesquisa qualitativa vai trazer as respostas aprofundadas das mulheres como dado para análise.

O uso do processo metodológico como pesquisa documental, entrevistas e pesquisa de campo são bases para uma análise coerente e de suma veracidade, para se chegar nos objetivos gerais e específicos desta pesquisa, que se justifica pela relevância desse trabalho.

O método qualitativo é usado para uma discussão clara e profunda quanto ao fenômeno a ser trabalhado na pesquisa. O uso do método é comum entre as ciências humanas e bem explorado na antropologia, com os estudos etnográficos. Já o uso do método qualitativo busca em prioridade a qualidade dos dados coletados, para assim melhor esclarecer o que se almeja na pesquisa. Desse modo,

alguns autores entendem a pesquisa qualitativa como uma expressão genérica. Isto significa, por um lado que ela compreende atividades de investigação que podem ser denominadas específicas. E, por outro, que todas elas podem ser caracterizadas por traços comuns. Esta é uma ideia fundamental que pode ajudar a ter uma visão mais clara do que pode chegar a realizar um pesquisador que tem por objetivo atingir uma interpretação da realidade do ângulo qualitativo (TRIVIÑOS, 1987, p. 120).

O surgimento da pesquisa qualitativa traz para as pesquisas o senso crítico, pois vai de encontro à pesquisa quantitativa, que, em alguns trabalhos, acaba por ser positivista. A abordagem do método qualitativo costuma abandonar o funcionalismo, bem como o positivismo, trazendo ao foco das pesquisas a interpretação profunda dos fenômenos, que não se enquadram em gráficos fechados, mas que ainda assim, vêm a ter sua objetividade. Assim sendo,

justifica-se a busca de uma metodologia que considerando também o contexto do fenômeno social que se estuda, privilegia a prática e o propósito transformador do conhecimento que se adquire da realidade que se procura desvendar em seus aspectos essenciais e acidentais. Por isso, consideramos como válido o enfoque histórico- estrutural para nossa realidade social que, empregando o método, é capaz de assinalar as causas e as consequências dos problemas, suas contradições, suas relações, suas qualidades, suas dimensões, e realizar através da ação um processo de transformação da realidade que interessa (TRIVIÑOS, 1987, p. 125).

O uso do método como forma de se compreender e interpretar o problema social, a partir da vivência e do conhecimento sobre os casos estudados, dá base para entender os acontecimentos e levantar questões até então não discutidas, para o trabalho que é proposto, tendo o gênero como um conceito a ser discutido e interpretado dentro do recorte espacial, e a mulher como ponto de partida.

A metodologia qualitativa proporciona a interpretação do papel da mulher e suas ligações, no trabalho e em suas execuções, bem como sua realidade social delimitada pelo ser mulher. Esse levantamento faz com que esse método venha dar profundidade à discussão conceitual e social da realidade em que se coloca a mulher trabalhadora.

Os estudos exploratórios utilizam grandes quantidades de dados de fontes secundárias e compreendem, além do levantamento das fontes secundárias, o estudo de casos selecionados e a observação informal. Segundo Vergara (2007, p. 46-47), é elaborado em área na qual há pouco entendimento científico acumulado ou sistematizado. Isso fez com que a pesquisa aprofundasse naquilo que o estado pode oferecer como atrativo turístico e quais seus nichos de mercado no segmento do turismo.

A pesquisa exploratória é estruturada. Devido à sua natureza de sondagem, não comporta hipóteses que poderão, todavia, surgir durante a pesquisa ou ao seu final. Trata-se de uma pesquisa que procura explorar conceitos e fatos de pouca bibliografia, quando se trata de um estudo muito novo no mercado mundial. Além disso, pretende descrever as características do fenômeno (TRIVIÑOS, 1987).

A pesquisa exploratória se fez necessária, pois o estudo aborda um tema novo. O estudo exploratório permite o aprimoramento de ideias de um assunto pouco explorado, a partir da literatura existente, entrevistas com pessoas experientes e análise de exemplos similares. Este fato, que é relativamente pouco estudado na área acadêmica, possibilitará compreender como o evento pode propiciar uma oportunidade de empoderamento das mulheres na categoria *trabalho*.

A consecução dos objetivos propostos neste estudo exigirá duas fases da pesquisa: a revisão bibliográfica e uma pesquisa de campo. As etapas da pesquisa de campo requerem, preliminarmente, a realização de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema em questão, que será interpretado e explicado como primeiro passo para se saber se o objeto estudado apresenta elementos para responder ao problema de pesquisa. No segundo passo pode-se definir um modelo teórico inicial de referência que auxiliará na elaboração do plano geral da pesquisa.

Nesta dissertação, os fenômenos e os significados estudados se baseiam nesses procedimentos de pesquisa bibliográfica, que ajudam na busca de publicações sobre o tema explorado pelo autor, procurando fundamentar seus argumentos. Desse modo, Marconi e Lakatos (2006, p. 160), explicam que:

[...] a pesquisa bibliográfica é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema. O estudo da literatura pertinente pode ajudar a planificação do trabalho, evitar publicações e certos erros, e representa uma fonte indispensável de informações, podendo até orientar as indagações.

As autoras citadas ainda preconiza que a pesquisa bibliográfica “[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias [...] até meios de comunicações orais [...]” (MARCONI; LAKATOS, 2006, p. 160).

A pesquisa bibliográfica, para Dencker (2007, p. 152), “permite grau de amplitude maior, economia de tempo e possibilita o levantamento de dados históricos”. Entretanto, faz-se necessário um estudo minucioso acerca da teoria pesquisada, buscando fontes que descrevem o mesmo tema a fim de progredir um trabalho sem equívocos.

A procura de análise de fontes secundárias, bibliográficas e/ou documentais, pode ser permitir que as informações colhidas se transformem em dados que contribuam para o apoio teórico. Tais fontes apontam ainda a importância do estudo bibliográfico para uma investigação empírica que analisa o fenômeno dentro de seu contexto de vida real. No entanto, os estudos bibliográficos, os resultados e análises que foram obtidos, visto que tiveram por foco o trabalho de mulheres que atuam nos serviços de alimentação dos pontos turísticos em Belém do Pará, podem ser tomados como parâmetros para outros estudos na mesma localidade ou em outras a fim de se comprovar a sua aplicabilidade, baseado na teoria.

Dando continuidade aos conceitos sobre o estudo, Bruyne (1982, p. 227) reforça que este não deve se limitar a uma descrição, mas apoiar-se em conceitos, ser guiado por um esquema teórico que serve de direcionamento para a coleta de dados, para então assegurar a pertinência e a interpretação dos dados reunidos.

Lüdke e André entendem que essa pode ser uma “técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema” (1986, p. 38).

O estudo foi realizado com base em um roteiro de observação e entrevistas. A pesquisa de campo foi utilizada para levantar informações e/ou conhecimentos acerca do

problema de pesquisa proposto, para o qual se busca uma resposta. Escolheu-se a entrevista como a principal técnica a ser utilizada por se tratar de um instrumento flexível para a coleta dos dados.

O trabalho teve como finalidade coletar dados de mulheres que prestam serviços de alimentação, em pontos turísticos de Belém do Pará. Os recortes espaciais que foram feitos e as coletas têm como pontos de atuação, o Ver-o-Peso e Praça da República. Nesse contexto, a pesquisa de campo tem como finalidade destacar o papel das mulheres em atuação no trabalho em pontos turísticos, com a premissa de responder a problemática deste estudo, que busca conhecer em qual cargo as mulheres são colocadas em sua atuação no trabalho exercido.

O uso da pesquisa de campo se justifica nesta pesquisa, pois, segundo Marconi e Lakatos (2006, p. 188), ela é “[...] aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles”.

O desenvolvimento da pesquisa de campo, coleta de dados, apresentação de resultados e análise das informações colhidas teve como base teórica os autores mencionados nos capítulos de referencial teórico desta dissertação. De acordo com Minayo (2010, p. 53), a pesquisa de campo é “o recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto da investigação”. Com isso, pode-se entender que a escolha de um local ou área pode ser necessária para aplicar a teoria, conforme o estudo em questão.



## 6 – RESULTADOS

Os dados desta pesquisa foram coletados com base em entrevista semiestruturada. Na aplicação do roteiro de entrevistas, foram utilizados recursos tecnológicos de áudio para a gravação das entrevistas. O método qualitativo se faz necessário nesta pesquisa para melhor compreender a atuação das mulheres no trabalho executado. A coleta foi feita com mulheres que prestam serviços de alimentação em atrativos turísticos de Belém. Os locais escolhidos foram Praça da República e Ver-o-Peso.

Não foi possível entrevistar um maior número de mulheres em decorrência da inibição delas. Elas achavam que a abordagem da pesquisa era referente ao contexto político. Vale destacar que muitas mulheres não quiseram ser entrevistadas, pois não se sentiram à vontade para falar. Sendo assim, o número de entrevistadas foi de quatro mulheres, uma atuante na Praça de República e três no Ver-o-Peso.

As entrevistas têm como finalidade responder o objetivo geral da pesquisa, que é analisar o papel das mulheres no trabalho, na alimentação e na comida, em pontos turísticos da cidade de Belém – PA. Para isso, a pesquisa respondeu os objetivos específicos que atendem a formulação de dados e embasamentos para os argumentos que foram pontuados neste trabalho, direcionamentos esses que são: identificar as atividades desenvolvidas pelas mulheres no trabalho exercido com o serviço de alimentos, verificar os benefícios e desafios das mulheres no trabalho e analisar a força de trabalho da mulher na gastronomia local.

Os dados coletados foram apresentados em quadros com a pergunta e os relatos das mulheres entrevistadas. As análises foram feitas em conjunto, para melhor compreensão das falas das entrevistadas, atendendo, de forma mais adequada, a perspectiva da pesquisa. As autorizações para o uso dos relatos e respostas dadas pelas mulheres para esta pesquisa foram colhidas e acham-se anexadas ao final deste trabalho, com assinatura das mesmas dando ciência de que sabem se tratar de um trabalho acadêmico.

Os dados apresentados no Quadro 1, adiante, fazem referência às mulheres entrevistadas, seu grau de escolaridade, profissão ou cargo exercido, idade e local em que trabalham, apresentado como ponto turístico.

**Quadro 1 - Perfil das entrevistadas e local da coleta.**

<b>Entrevistadas</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Profissão ou cargo exercido</b>	<b>Idade</b>	<b>Ponto turístico</b>
A	Ensino médio incompleto	Cozinheira	26 anos	Ver-o-Peso
B	Segundo grau	Dona é proprietária	51 anos	Ver-o-Peso
C	Fez até a quarta série	Dona é proprietária	53 anos	Praça da República
D				Ver-o-Peso

Fonte: Elaboração do autor.

O dados constantes no quadro acima sintetizam as informações coletadas nas entrevistas feitas com as mulheres. Nele são mostrados os dados pessoais das entrevistadas, possibilitando conhecer o perfil delas e seu local de trabalho.

## 7 – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A força de trabalho das mulheres na prestação de serviços em alimentação, no que se refere a horas de trabalho, acaba sendo muito maior do que 8 horas por dia. Quando é feita a pergunta, a resposta delas se limita apenas ao tempo que levam trabalhando no local. Contudo, todo o pré-preparo e o preparo dos alimentos é feito por elas na própria residência. Tanto a Organização das Nações Unidas (ONU) quanto a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) defendem e aprovam o direito ao descanso e as normas para hora de trabalho efetuada. Com isso, percebe-se que os prestadores de serviços informais de alimentação acabam tendo pouco tempo de lazer ou descanso, devido ao trabalho contínuo que executam.

O Quadro 2, abaixo, mostra os dados referentes a horas trabalhadas pelas mulheres entrevistadas.

**Quadro 2 - Horas de trabalho por dia.**

Entrevistada	<b>1 – Quantas horas por dia, em média, você trabalha?</b> <b>2 – Você trabalha aos finais de semana ( ) sim ( ) não ( ) às vezes</b> <b>Em que período?</b>
A - Ver-o-Peso	R-01: Das oito às quatro. Mas o horário assim, mais ou menos, eu não sei, porque às vezes a gente sai um pouco mais tarde. R-02: Trabalho.
B - Ver-o-Peso	R-01: Doze horas. R-02: Não.
C - Praça da República	R-01: eu trabalho até às treze e trinta, às onze e meia (início). R-02: Trabalho.
D - Ver-o-Peso	R-01: Cinco horas. R-02: Trabalho.

Fonte: Elaboração do autor.

A entrevistada “B” foi a única que informou não trabalhar no final de semana; por outro lado, ela coloca que trabalha 12 horas todos os dias. Disso resulta que, em quatro semanas, ela trabalha em torno de 240 horas em 5 dias por semana. Isso acontece por essa mulher ser dona do seu próprio negócio, tendo que administrar, organizar e gerir a renda para sua sobrevivência e subsistência, sendo esse trabalho a fonte de renda da família.

A construção do capitalismo como processo econômico causa esse tipo de problema social, o ciclo de comprar, trabalhar e se manter. Para um pequeno ou microempresário, que

tem uma quantidade de concorrentes muito alta, há uma necessidade de se trabalhar todos os dias, não tendo carteira assinada nem os benefícios do trabalho formal. Sendo assim, a ele é negligenciado o benefício do lazer e descanso.

Na construção da fala das 4 mulheres nota-se diferenças de significado e significância na dimensão do trabalho e gênero. Ao se analisar a condição da mulher “A” percebe-se que existe uma desigualdade quanto ao trabalho executado entre homens e mulheres, pois ela fala do desconforto da vestimenta que usa, colocando que um homem, fazendo o mesmo trabalho, poderia estar vestido mais à vontade e ela não tem esse mesmo direito. Diz que se ela for com uma roupa mais peculiar para o clima da região, que é quente e úmido, sofre assédio dos clientes.

Antunes (1995) afirma que as classes que vivem do trabalho englobam homens e mulheres, produtivos e improdutivos, desprovidos de meios de produção e que são levados a vender a sua força de trabalho no campo e na cidade em troca de remuneração ou salário. Se para esse autor o trabalho é visto dessa forma, o que faz uma mulher ser coagida a se vestir de modo a não estar confortável?

Não só no trabalho, mas culturalmente, a mulher ainda é vista como um símbolo sexual. Com isso, a cultura machista e o pensamento retrógrado constroem a mulher tendo em vista sua vestimenta; e para ela não ser assediada, o melhor é ela mudar sua forma de vestir. Isso mostra que não é ela que está errada em vestir como se veste, mas o erro está no modo como a sociedade ainda olha para ela, pois se um homem vai trabalhar de bermuda, ele não vai ser assediado, mas pelo fato de ser uma mulher, isso acontece. Nesse contexto, os dados coletados nas entrevistas e apresentados no Quadro 3, abaixo, revelam as respostas das mulheres quanto às diferenças de significado e significância na dimensão do trabalho e gênero.

**Quadro 3 - Significado e significância na dimensão do trabalho e gênero.**

Entrevistada	<b>3 – Na sua opinião, você considera que existem distinções no tipo de trabalho executado por mulheres e homens? Exponha melhor suas funções.</b>
A - Ver-o-Peso	R-03: Sim, tem bastante. Sim, geralmente, eu não gosto de vir de bermuda que fique muito curta na frente, eu evito, porque são muitos... ainda mais quando bebem.
B - Ver-o-Peso	R-03: Não tem diferença. Porque meu filho mesmo trabalha comigo. Um homem.
C - Praça da República	R-03: Eu acho que pra mulher é mais fácil.
D - Ver-o-Peso	R-03: Eu acho que não.

Fonte: Elaboração do autor.

Para a entrevistada “B” e a “D”, não existe diferença do trabalho. Essa perspectiva acaba sendo aceitável, pois o trabalho em si não deve ser diferenciado. A mesma função que uma mulher desempenha, um homem também pode fazê-lo, em conformidade com a igualdade de gênero no trabalho. Indiretamente, o processo educacional da entrevistada “B” para com seu filho se mostra adequado às correntes dos feminismos e à luta pela igualdade.

Os princípios éticos e morais que são ensinados por essa mulher vão impactar na educação social que esse filho vem construindo. O que deveria ser uma universalidade é uma excepcionalidade, pois ainda não se tem uma visão igualitária em relação às potencialidades da mulher e do seu trabalho.

Quando se analisa a fala da entrevistada “C”, observa-se uma construção social muito comum na região Norte e em todo o Brasil. Cozinhar, na concepção da entrevistada, é função e papel da mulher. Aqui a produção do alimento é vista como uma tarefa que deve ser executada por uma mulher, segundo a fala da entrevistada, “por ser mais fácil”.

No trabalho com alimentação ainda se tem muitos preconceitos. O respeito e o glamour são direcionados para os chefs de cozinha, e as mulheres ainda são vistas em segundo plano. Sendo assim, Zaneti (2017) reforça esses argumentos, ao pontuar que a mulher tem espaço limitado como chefes de cozinha em âmbito profissional.

As entrevistadas foram consultadas sobre o gosto pelo trabalho que desempenham e as motivações para tal, e suas respostas são apresentadas no Quadro 4, abaixo.

**Quadro 4 - Gosto pelo trabalho e motivações.**

Entrevistada	<b>4 – Você gosta do trabalho o qual você desempenha? Por quais motivos?</b>
A - Ver-o-Peso	R-04: Não. Eu trabalho porque eu preciso. Mas não é uma coisa que eu goste de fazer. Queria estudar, terminar meus estudos, fazer uma faculdade e só. Mas não faço com preguiça. Eu faço, mas não é o que eu queria fazer.
B - Ver-o-Peso	R-04: Adoro, porque quando eu me formei, não tinha muita oportunidade, né? Segundo grau na minha época era de alto valor, era como ter uma faculdade hoje. E eu não tinha a opção de seguir adiante. Quando eu vim pra cá, para o “Ver o peso”, foi em 88, comecei a trabalhar no profissional e fui chegando, depois comprei meu equipamento e me aperfeiçoei.
C - Praça da República	R-04: Gosto. Porque é por conta própria, não tenho que trabalhar para os outros. Porque às vezes o patrão não dá direito para o empregado.
D - Ver-o-Peso	R-04: Gosto porque trabalho pra mim mesma.

Fonte: Elaboração do autor.

Nas falas das entrevistadas percebe-se uma empatia por parte de uma delas e exaltação por parte de duas no que se trata da pergunta feita. A empatia se direciona pelo fato de não gostar do trabalho que executa a entrevistada “A”, pois ela gostaria de terminar os estudos, mas por motivos pessoais não os fez. Os percalços da vida fizeram com que ela se colocasse em uma posição de comodismo, mesmo sabendo que poderia estar buscando algo melhor para sua profissão. Contudo, não se deve impor ou direcionar qualquer julgamento, pois, por trás da fala, não se sabe a profundidade do discurso. Sendo assim, limita-se a compreensão ao recorte da narrativa do momento.

Para as entrevistadas “B”, “C” e “D”, o termo “adorar” e “gostar” são colocados em contexto de satisfação e profundidade. O trabalho é, para ela, uma conquista pessoal, uma propriedade delas, o desempenho, a vitória pessoal e sua fonte de renda. De acordo com o estudioso Maslow (1962), em sua análise da hierarquia das necessidades, que trata o querer básico do ser humano, para essas mulheres elas se encontram no quarto estágio da pirâmide, o da “estima” (reconhecimento, *status*, autoestima). Sendo assim, o trabalho é a conquista da vida pessoal, o merecimento do que por anos foi construído em meios a dificuldades e limitações. Por isso, seu peso vai além do ato ou do processo do trabalho em si: trata-se da essência de uma vivência particular delas e que reflete na conquista material em suas famílias.

Dando continuidade a essas percepções, consultadas se são respeitadas em seu local de trabalho, as entrevistadas se manifestaram conforme respostas mostradas no Quadro 5, abaixo.

**Quadro 5 - Respeito no local de trabalho.**

Entrevistada	<b>5 - Como mulher, você considera que é respeitada no seu local de trabalho?</b>
A - Ver-o-Peso	R-05: Sim.
B - Ver-o-Peso	R-05: Sim.
C - Praça da República	R-05: Sim!
D - Ver-o-Peso	R-05: Sou respeitada.

Fonte: Elaboração do autor.

As entrevistadas afirmaram que não foram ofendidas e agredidas, verbalmente ou fisicamente. Pelo fato de serem prestadoras de serviços de alimentação e não terem qualquer

tipo de relato se tratando desses tipos de desrespeito, para elas o assédio não é colocado como uma falta de respeito, mas apenas como assédio.

A próxima indagação às entrevistadas diz respeito ao principal motivo de estarem nesse trabalho e ainda sobre o tempo e modo como começaram a trabalhar com a gastronomia. Suas respostas são mostradas no Quadro 6, abaixo.

**Quadro 6 - Motivações e tempo de trabalho na área.**

Entrevistada	<b>6 – Qual o principal motivo de você estar nesse trabalho? Como ou quando você começou a trabalhar com a gastronomia?</b>
A - Ver-o-Peso	R-06: Você quer saber se alguém me indicou? Porque uma tia de um ex-marido meu disse que “tava” precisando de alguém e eu vim, porque “tava” precisando trabalhar aí eu vim.
B - Ver-o-Peso	R-06: Não foi respondida.
C - Praça da República	R-06: Eu comecei ir pra rua pra trabalhar desde os meus sete anos e até hoje estou aqui. Pela minha mãe. Porque a minha mãe trabalhava em casa de família, aí a gente começou a vender lanche, e depois passamos pra comida.
D - Ver-o-Peso	R-06: Porque eu me desempreguei. Pela idade, é difícil arrumar emprego. Aí minha irmã me deu o espaço para me ajudar.

Fonte: Elaboração do autor.

Assim como se nota em muitos relatos, o empreendimento na prestação de serviços em alimentação começa, em grande parte, com uma dificuldade financeira. Dados do SEBRAE de 2018 indicam que o mercado informal e o mercado de micro e pequenas empresas teve um crescimento significativo e foi responsável por 72% dos trabalhos no Brasil. Entre os investimentos, o ramo alimentício é o que se encontra em maior destaque, com vendas de doces, salgados, bolos, marmitas e outros produtos nessa mesma área.

Com a amostra coletada em campo, observa-se que essa realidade é muito mais antiga. Essas mulheres já trabalham há anos na área, quando aceitaram uma oportunidade de emprego, dedicaram-se e se esforçaram ao máximo para continuar onde estão e para tirar do trabalho sua remuneração.

Esse cenário se trata de uma realidade ainda muito comum em todo o Brasil, principalmente pelo alto índice de desemprego que existe atualmente. Em fevereiro de 2019, o índice de desemprego era de 12%, o equivalente a 12,7 milhões de desempregados no país. Essa quantia alarmante impacta na economia e na produção interna de bens de consumo duráveis e alimentação do Brasil.

Por sua vez, tocando em uma questão que envolve o binômio trabalho e gênero, procurou-se saber das mulheres entrevistadas se elas encontram algum desafio em seu trabalho por serem mulheres, ao que responderam como está no Quadro 7, abaixo.

**Quadro 7 - Desafios do trabalho para a mulher.**

Entrevistada	7 – Você encontra algum desafio em seu trabalho por ser mulher?
A - Ver-o-Peso	R-07: Acho que sim. Não sei te explicar assim, mas sim, tem cada situação que acontece... Sim, quando eu estava sozinha, já tinha um homem aqui dando em cima de mim e eu já entrei pra barraca, entendeu! É isso. Bastante.
B - Ver-o-Peso	R-07: Não
C - Praça da República	R-07: Encontro a concorrência.
D - Ver-o-Peso	R-07: Não.

Fonte: Elaboração do autor.

A entrevistada “A” fala indiretamente que por ser mulher sofre assédio, isso é um desafio pra ela, desafio esse que a coloca não como mulher mas como um corpo objetificado por alguns homens em seu local de trabalho. É perceptível, na fala da entrevistada, o quanto isso é constrangedor e a deixa mal. Percebe-se o incômodo e como ela faz o que pode para não passar por esse tipo de situação. Simone de Beauvoir proclama a seguinte frase: “não se nasce uma mulher, torna-se”. Na vivência dessa entrevistada, percebe-se isso, pela dificuldade e pelo quanto ela tem que saber lidar com tudo isso sem ser agressiva ou ríspida, pois para trabalhar com o público, é necessário ter um comportamento cuidadoso; e ela se coloca muito bem, tendo uma postura polida.

O “não” referente à fala das entrevistadas “B” e “D” diz respeito a não terem, no momento, se recordado ou lembrado de nada que pudesse fazê-las verem desafios no mercado ou no seu local de trabalho por serem mulheres. Na fala da entrevistada “C”, que se apresenta bem-humorada, mas sem ser desmerecida ou desrespeitada, não se coloca diretamente a contextualização em ser mulher, mas sim o fato de a concorrência no local ser significativa.

Também se pesquisou junto às entrevistadas se o serviço prestado no seu local de trabalho, por se tratar de um ponto turístico, seria diferente dos outros locais da cidade. Elas responderam como se apresenta no Quadro 8, adiante.



**Quadro 8 - Diferencial do serviço prestado, conforme o ponto turístico.**

Entrevistada	<b>8 – Tratando-se de um ponto turístico, o serviço prestado no seu local de trabalho é diferente dos outros locais da cidade?</b>
A - Ver-o-Peso	R-08: Eu acho que não, ou é aqui, ou na Ilha do Combú, é a mesma coisa. Mas dá mais no final de semana. Não, tem. Ter, tem. Mas não tem muito. Só que muita gente como eu falei “tá” indo pra Ilha do Combú, pra conhecer lá. Não, tem. Ter, tem. Mas não tem muito. Só que muita gente como eu falei “tá” indo pra Ilha do Combú, pra conhecer lá. Eu também nunca fui, eu sou louca pra conhecer lá. Sério.
B - Ver-o-Peso	R-08: Sim. Não. Acho que fora daqui é melhor, pra “tu” ter uma ideia, eu tenho um restaurante lá no telégrafo, eu vendo muito mais lá do que aqui. Pra tu ver como Ver o peso tá “avacalhado”. Lá vende muito mais.
C - Praça da República	R-08: Dá porque eu já estou acostumada com essa área.
D - Ver-o-Peso	R-08: É a mesma coisa.

Fonte: Elaboração do autor.

Considerando os locais como pontos turísticos, observa-se que o turismo como um atuante econômico, e os pontos de alimentação fazem parte do planejamento turístico como estrutura turística de alimentos e bebidas. O serviço prestado não é diferenciado, é igual para todos: não é por ser turista ou viajante que um cliente vai ter mais atenção ou regalias que outro.

Compreendendo o fenômeno turístico em vista da complexidade e da interdisciplinaridade do turismo, nota-se que o ser humano dentro da pesquisa que aqui se apresenta não é visto diferenciado. Coloca-se essa proposição a partir dos dados coletados em vista do serviço que é prestado. Sendo assim, o conceito de um turismo humano ou humanizado tendo o ser humano como elemento fundamental do fenômeno, é coerente e aceitável.

O fenômeno turístico só tem impactos radicais se o turismo for visto como principal finalidade. Se ele for adaptável e integrador, ele agrega sem gerar privilégios, sendo um fenômeno atuante significativo, mas sem ser impositivo, fazendo com que o turista se adapte ao espaço e à cultura local e não o caminho inverso.

Indagou-se das mulheres entrevistadas qual seria o diferencial, em sua concepção, da culinária local. Perguntou-se também se a gastronomia local paraense seria diferenciada em relação a outros estados, ao que responderam como se apresenta no Quadro 9, adiante.

**Quadro 9 - Diferencial da culinária paraense em relação a outros estados.**

Entrevistada	<b>9 – Qual o diferencial na sua concepção da culinária local? Você sente que a gastronomia local paraense é diferenciada em vista dos outros estados?</b>
A - Ver-o-Peso	R-09: Acho que a nossa é muito melhor, é mais temperada. Porque até então, eu tenho uma amiga fazendo um intercâmbio no México, e ela vive reclamando pra mim: “Égua, Gleici, até no cinema tem salada, já não suporto mais olhar salada”. Então eu acho a culinária brasileira mais gostosa. Pelo menos a paraense.
B - Ver-o-Peso	R-09: Dificilmente eles comem no “Ver o peso”, e quando vêm.
C - Praça da República	R-09: É. Porque tem gente que viaja e fala que é muito diferente. Tinha uma época que tinha um movimento grande, mas agora é mais na avenida que eles ficam. Por aqui agora é muito difícil os turistas. Muito difícil.
D - Ver-o-Peso	R-08: Não foi respondida.

Fonte: Elaboração do autor.

A culinária paraense teve uma maior aceitabilidade pelos turistas internacionais. A partir de uma pesquisa de 2017, realizada pelo Ministério do Turismo, a culinária bem como a gastronomia local se apresentam em prol da sua singularidade. O sabor diferenciado e único desperta a curiosidade dos turistas. Segundo as falas das entrevistadas, percebe-se que para as mulheres, sim, a gastronomia paraense é diferenciada.

Os sabores do cotidiano, as técnicas culturais e a diversidade local não se apresentam diferenciados pelas mulheres, que os consideram comuns. Embora percebam que para o turista, há um algo mais, elas não veem isso com muita profundidade. Mas se nota que, em virtude do sabor particular e de ingredientes singulares, essa pode ser uma experiência única para os turistas.

Na fala da entrevistada “B”, de que “dificilmente eles comem no Ver-o-Peso”, “eles” é uma referência aos turistas. Ela se refere ao cardápio, sendo que o turista vai se direcionar em busca de comer o que é tido como referência de alimentos, o que é estimulado pelos meios de *marketing* e promoção turística. No estado, esse órgão responsável é a ParáTur, órgão que desempenha o papel de promover o turismo local em todos os seus âmbitos. Órgão fiscalizador e coordenador do turismo no estado do Pará, a ParáTur tem um papel fundamental na promoção e divulgação da gastronomia paraense e da culinária local.

O marketing turístico no turismo gastronômico local é direcionado a alguns pratos que para os órgãos responsáveis têm maior relevância sendo assim o turismo gastronômico acaba sendo limitado e superficial em virtude da abrangência da gastronomia local e de suas representações.

Outra questão que se colocou às entrevistadas foi quanto à preferência e aceitabilidade dos turistas ou viajantes em relação aos pratos oferecidos e quais deles têm mais saída. Elas responderam conforme se vê no Quadro 10, abaixo.

**Quadro 10 - Aceitabilidade e preferência alimentar.**

Entrevistada	10 – Qual a aceitabilidade dos turistas ou viajantes, quais os pratos que têm mais saída?
A - Ver-o-Peso	R-10: Peixe com açaí, é, eles querem comer peixe com açaí, e o mais engraçado é que eles querem comer junto. Eles colocam o açaí dentro do prato e colocam o peixe. Aí eu tento explicar que é com a farinha, que acompanha o peixe, mas eles querem comer tudo junto. Aí nem eles gostam, porque do jeito que eles comem, nem eu comia.
B - Ver-o-Peso	R-10: é mais peixe com açaí. Só.
C - Praça da República	R-10: Eles não procuram comida por aqui, o negócio deles é passear.
D - Ver-o-Peso	R-10: Camarão e peixe.

Fonte: Elaboração do autor.

A gastronomia local, rica em diversidade de técnicas e produtos, é apresentada para o turista de forma a atrair sua curiosidade. Exemplos de pratos que são colocados como destaque para o turismo gastronômico é o pato no tucupí, peixe frito com açaí, maniçoba, tacacá, vatapá, arroz paraense e todas as frutas tropicais que se apresentam em sua sazonalidade no estado.

Nos dados coletados na pesquisa percebe-se que o prato mais consumido no Ver-o-Peso, o peixe frito com açaí, se coloca como o mais pedido pelos turistas. Para se compreender essa escolha, destaca-se que o açaí, em muitos estados do Brasil, é consumido como uma bebida energética de sabor adocicado. No estado do Pará, o açaí é um fruto de rico valor nutricional, que dá origem a uma bebida forte e cremosa. É produzida só com água, e servida com farinha de mandioca e, para alguns poucos paraenses, açúcar.

A composição de peixe frito com açaí, base proteica mais carboidrato, que aqui se coloca como composto enriquecido, se trata de uma combinação energética de grande importância. O açaí é uma bebida dada para as crianças logo que deixam o leite materno,

fazendo com que os ribeirinhos não tenham desnutrição. Essa é uma técnica de alimentação, de origem indígena, que as mulheres paraenses do rio Amazonas ainda repetem com seus filhos até os dias atuais.

O relato da entrevistada “D” coloca como pratos consumidos o camarão e o peixe. Como foi falado, o peixe com açaí é um prato típico, comum para o turista. Para os moradores locais, o camarão e o peixe são as fontes de proteínas consumidas com o açaí, como também, carne guisada, frango frito, charque e outros. O arroz com feijão para o paraense é o açaí com farinha de mandioca, sendo que a proteína pode ser mudada sempre.

Buscou-se, ainda, saber se, na visão das entrevistadas, há estímulo por parte dos órgãos responsáveis pelo turismo do estado na divulgação ou promoção da comida paraense. As respostas encontram-se no Quadro 11, abaixo.

**Quadro 11 - Estímulo dos órgãos responsáveis pelo turismo do estado na divulgação/promoção da comida paraense.**

Entrevistada	<b>11 – No seu ponto de vista, há estímulo por parte dos órgãos responsáveis pelo turismo do estado na divulgação ou promoção da comida paraense?</b>
A - Ver-o-Peso	R-12: Sim. Pela lavagem, por mais policiamento, lixeiros também, tem muita gente que joga as coisas no chão as coisas. Bastante. Como eu falei: policiamento, porque têm muitos viciados que puxam os cordões aqui, então muita gente vai falando pra outras pessoas e eles não vêm aqui por isso, por causa de morador de rua. Até eu tiro tudo.
B - Ver-o-Peso	R-12: Só uma reforma. Fora isso, sem chance!
C - Praça da República	R-12: Eu acho que não tem apoio do governo.
D - Ver-o-Peso	R-12: O governo apoia.

Fonte: Elaboração do autor.

Nas falas das mulheres, em unanimidade, apareceram os pedidos de melhoria no espaço turístico – tanto para as trabalhadoras quanto para quem visita os atrativos. A segurança também é um ponto a ser destacado, sendo que no final da coleta de dados da entrevistada “D”, foi presenciado um assalto de um turista no Ver-o-Peso. Esse relato é deixado para reforçar a insegurança que essas mulheres sofrem no local.

As intervenções que são pontuadas para melhoria do espaço dizem respeito aos responsáveis do estado, ao governador e ao prefeito, que deverão proporcionar uma melhor

estrutura de trabalho e segurança. Os pontos turísticos em que os dados foram coletados se encontram em situação de expressivo abandono.

As estratégias de marketing para atrair os turistas não condizem com a realidade dos espaços turísticos, gerando insatisfação aos visitantes. Já a falta de comprometimento para com o turista causa danos econômicos nos setores atuantes, e a falta de credibilidade afasta a demanda turística nos atrativos e no estado.

As respostas apresentadas no Quadro 12, abaixo, elencam as melhorias ou sugestões propostas pelas entrevistadas para a melhora do seu serviço ou local onde trabalham.

**Quadro 12 - Melhorias para o serviço ou local de trabalho.**

Entrevistada	12 – Quais as melhorias ou sugestões você propõe para a melhora do seu serviço ou local onde trabalha?
A - Praça da República	R-13: Sim, mas pra eles divulgarem eles teriam primeiro que melhorar. Por que vão divulgar uma coisa que não “tá” legal? Não.
B - Ver-o-Peso	R-13: Mais organização e “tá” ótimo. Porque aqui praticamente não tem estrutura pra trabalhar, mas a gente tem que trabalhar. Se eu colocar vitrine, eu não vendo a minha comida.
C - Ver-o-Peso	R-13: Isso aí só Deus pra mudar. Mais ninguém! Entra e sai governo, e as coisas continuam as mesmas. Na verdade, vai piorando mais!
D - Ver-o-Peso	R-13: Eles vão fazer a reforma, “né”?

Fonte: Elaboração do autor.

Há 6 anos, o Governo do Estado promete uma revitalização dos pontos turísticos para o fomento do turismo local e para o desenvolvimento econômico. A entrevistada “D” pontua isso com um ar de descrença, pois faz tempo que os governantes estaduais fazem a mesma promessa e não a cumprem. Por isso, a desaprovação é unânime quanto ao governo e aos responsáveis pelo turismo no estado.

A falta de esperança e as críticas são contundentes para quem presencia a realidade de trabalho dessas mulheres. As melhorias devem ser feitas, pois os trabalhadores acabam por estarem em situação de risco, além de terem que conviver com estruturas defasadas ou deprecadas de alguns equipamentos, que seriam de uso público e não estão mais nem presentes. Um exemplo básico são as lixeiras, das quais se tem, em alguns lugares, apenas a estrutura.

## 8 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho destacou muitos aspectos, entre eles, o papel das mulheres como provedoras do lar. No que se entende sobre o feminismo, a perspectiva do trabalho trouxe à tona a desigualdade. Com a análise dos dados da pesquisa, observou-se a importância de se criar o devido local de fala para essas mulheres, colocando-as em destaque, ouvindo-as e analisando seus relatos. É de suma importância pontuar a atuação da mulher nesta pesquisa, seja apresentando relatos de mulheres das quais ainda não se tinham dados ou indicativos, dando voz a mulheres que trabalham com o segmento da alimentação, e observando a importância do movimento feminista. A força de trabalho da mulher, segundo as análises da pesquisa, é fundamental para o comércio e a economia local, atuantes no setor de serviços de alimentação. Elas têm o papel de difundir a culinária local e as formas culturais de consumo para turistas e visitantes.

As mulheres envolvidas nesta pesquisa desencadeiam o papel de preservar os elos de interação cultural com o alimento e sua forma de preparo. O ato de cozinhar é colocado também como modo profissional de atuação no trabalho. O fazer técnico é o que leva a alimentação cultural paraense aos pontos turísticos, às ruas.

As atividades desenvolvidas pelas mulheres paraenses no trabalho com alimentação as retratam, em sua maioria, como gestoras, administradoras. Assumem o papel de trabalhadoras com multitarefas, além de tomarem para si os papéis de mãe e de esposa.

Com o trabalho, as mulheres se apresentaram empoderadas da sua vida e de seus corpos, colocando-se à frente de qualquer forma de preconceito. Passaram por muitos obstáculos e dificuldades e souberam lidar com os assédios e a cultura machista patriarcal, que é predominante na região.

O fenômeno turístico é mostrado pela atuação dessas mulheres, em que elas levam ao turista a experiência alimentar, com os conhecimentos histórico-culturais que as colocam em evidência. O turismo como fenômeno da pesquisa é humanizado, investindo na troca de informação como aprendizado. Já as mulheres percebem o que os turistas e clientes desejam, de uma forma sábia e cordial.

A pesquisa mostra lacunas sociais do contexto das mulheres que devem ser aprofundadas. Não se buscou compreender as matrizes histórico-familiares dessas mulheres e

suas ligações com a comida, como aprenderam a cozinhar ou saber manipular os alimentos. Isso acabou por deixar na pesquisa uma lacuna, que doravante deve ser mais bem explorada.

Com base na ideia de criar ferramentas de conhecimento sobre a importância da voz em seus locais de fala, na luta de gênero pelo feminismo, vê-se que há mulheres donas de si, feministas, mas não por conhecerem o feminismo, e sim por lutarem diariamente contra a desigualdade e pela valorização de seu trabalho. Percebe-se que o aprofundamento do tema ou o direcionamento particular para ele revelam um saber e um olhar para a luta feminista dessas mulheres, com vozes que têm muito a dizer e ensinar.

O trabalho é espaço para todos, que não deve ser limitado ou segregado por dimensão biológica com o objetivo de diminuir uma pessoa pelo gênero. Tendo essa ideia em mente, esta pesquisa, em vista das análises, dá ênfase a esse ponto e mostra como a mulher luta para lidar com isso, atuando e trabalhando em todos os espaços, que também são delas por direito.

O direito igualitário, o respeito e a liberdade são princípios que devem ser buscados a todo o custo, pois ainda não é nada igual para as mulheres. Existe uma grande diferença na valorização do trabalho e na visão da mulher no trabalho, e as análises levam a essa afirmação, concluindo que é preciso buscar mais as vozes das mulheres para compreendermos suas realidades.

Ainda que se ouça pouco, os trabalhos no Brasil para fomento da discussão de gênero devem ser explorados ainda mais, pois se tem muito para compreender e discutir, melhorar e adequar contextos culturais e sociais para vivermos em uma sociedade justa e favorável para todos, com direitos, liberdade e respeito como pilares fortes e irredutíveis.

## REFERÊNCIAS

- ANGROSINO, Michael; FLICK, Uwe (Coords.). *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho: ensaio sobre as metamorfoses e centralidade do mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez; UNICAMP, 1995.
- APPADURAI, A. How to make a national cuisine: cookbooks in contemporary India. *Comparative studies in Society and History*, v. 30, n. 1, p. 3-24, 1988. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/179020>. Acesso em: 26 ago. 2017.
- ARAÚJO, Neuza de Farias. *Contribuição econômica das mulheres para a família e a sociedade: ensaio sobre gênero e economia numa perspectiva comparativa*. Brasília: Otimismo, 2010.
- ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima. A respeito da centralidade do trabalho. *Ver a Educação (UFPA)*, v. 5, n. 1-2, p. 7-23, 1999. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/13155012/araujo-r-m-l-a-respeito-da-centralidade-do-trabalho>. Acesso em: 26 ago. 2017.
- AZEVEDO, Paulo Faraco de. *Eco civilização: ambiente e direito no limiar da vida*. São Paulo: RT, 2005.
- BARRETO, Margarita. *Cultura e turismo: discussões contemporâneas*. Campinas: Papirus, 2007.
- BARRETO, Margarita. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BARRETO, Margarita. *Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento*. Campinas: Papirus, 2002.
- BARROS, Manuela; HONÓRIO, Erotilde. Mídia educativa ou educação midiática? Os tortuosos caminhos da cidadania. *Intexto*, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 8, p. 1-14, jan.-jun. 2003
- BAUMAN, Zygmunt. *A cultura no mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BERNARDI, Bernardo. *Introdução aos estudos etnoantropológicos*. Lisboa: Edições 70, 1974.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003. (Coleção Humanitas).
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BRUYNE, Paul de. *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os polos da prática metodológica*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- BUENO, Maria Lúcia. *Artes plásticas no século XX: modernidade e globalização*. Campinas:



Editora da Unicamp, 2001.

CASCUDO, Luis Câmara. *História da alimentação no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Global, 2004.

COLLAÇO, Janine Helfst Leicht. Cozinha doméstica e cozinha profissional: do discurso às práticas. *Revista Caderno Espaço Feminino*, v. 19, n. 1, 2008.

COLLAÇO, Janine Helfst Leicht. *Sabores e memórias: cozinha italiana e construção identitária em São Paulo*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

COMISSÃO Nacional para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (Brasil). *Relatório de Atividades 2017-2018*. Brasília: Presidência da República, 2018.

COURTINE, R. *Balzac à table*. Paris: Laffont, 1976.

COUTO, Cristiana. *Arte de cozinha: alimentação e dietética em Portugal e no Brasil (séculos XVII-XIX)*. São Paulo: Senac, 2007.

CRANE, Diana. *Ensaio em arte, moda e globalização cultural*. Organização de Maria Lucia Bueno. São Paulo: Senac, 2012.

CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CRUZ, Mércia Socorro Ribeiro; MENEZES, Juliana Santos; PINTO, Odilon. Festas culturais: tradição, comidas e celebrações. *In: I ENCONTRO BAIANO DE CULTURA*, 1, 2008, Salvador. I EBECULT. Salvador: FACOM/UFBA, 2008. p. 1-36. Disponível em: [http://www.uesc.br/icer/artigos/festasculturais\\_mercia.pdf](http://www.uesc.br/icer/artigos/festasculturais_mercia.pdf). Acesso em: 20 dez. 2019.

DIÁRIO DO PARÁ. Círio 2017 com você no caminho da fé, 2017. Disponível em: <http://cirio.diarioonline.com.br/noticia-interna.php?nIdNoticia=456795>. Acesso em: 23 jan. 2018.

FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FIGUEIREDO, Silvio José de Lima; AZEVEDO, Francisco Fransualdo de; NÓBREGA, Wilker Ricardo de Mendonça; MARANHÃO, Christiano Henrique (Orgs). *Turismo em foco*. Belém: NAEA, 2013.

FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. *História da alimentação*. São Paulo: Estação da Liberdade, 1998.

FRYER, D.; PAYNE, R. Working definitions. *Quality of Working Life*, v. 1, n. 5, p. 13-15, 1984.

GÂNDARA, José Manoel Gonçalves; GIMENES, Maria Henriqueta Sperandio Garcia; MASCARENHAS, Rúbia Gisele Tramontin. Reflexões sobre o Turismo Gastronômico na perspectiva da sociedade dos sonhos. *In: PANOSSO NETTO, Alexandre; ANSARAH, Marília Gomes dos Reis (Orgs.). Segmentação do mercado turístico: estudos, produtos e perspectivas*. Barueri: Manole, 2009.

- GASTAL, Susana (Org.). *Turismo, investigação e crítica*. São Paulo: Contexto, 2002.
- GEERTZ, Clifford. *Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIDDENS Anthony; BECK, Ulrich; LASCH, Scott. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Unesp, 1997.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1987.
- HIRATA, Helena. Globalização e divisão sexual do trabalho. *Cadernos Pagu*, n. 17-18, p. 139-156, 2001/02. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a06.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2017.
- HIRATA, Helena. *Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade*. São Paulo: Boi tempo, 2002.
- HIRATA, Helena. Relações sociais de sexo e do trabalho: contribuição à discussão sobre o conceito de trabalho. *Em aberto*, Brasília, v. 15, n. 65, jan.-mar. 1995.
- HIRATA, Helena. Tendências recentes da precarização social e do trabalho: Brasil, França, Japão. *Caderno CRH*, v. 24, n. 1, p. 15-22, 2011.
- HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniele. Novas configurações da divisão social do trabalho. In: *Caderno de pesquisa*, v. 37, n. 132, set.-dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/p.f./cp/v37n132/a0537132.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2013.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- KERGOAT, Daniele. División sexual del trabajo y relaciones sociales entre los sexos. In: HIRATA, Helena *et al.* (Orgs.). *Diccionario crítico del feminismo*. Trad. de Teresa Agustín. Madrid: Síntesis, 2003.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia do trabalho científico*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- LARAIA, R. B. *Cultura: Um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- LE DOEUFF, Michele. Simone de Beauvoir and Existentialism. *Feminist Studies*, v. 6, n. 2, p. 277-289, 1980. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3177742>. Acesso em: 21 abr. 2009.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. São Paulo: Nacional, 1976.
- LOHMANN, Guilherme; PANOSSO NETTO, Alexandre. *Teoria do turismo*. São Paulo:

Aleph, 2008.

LOHMANN, Guilherme; PANOSSO NETTO, Alexandre. *Teoria do turismo: conceitos, modelos e sistemas*. S.l: s.n., 2012.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1986.

MAGALHÃES, Maria José de Sousa *et al.* Feminismos e movimentos sociais em tempos de globalização: o caso da MMM. In: *VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais: a questão social no novo milénio*. Set. 2004. Disponível em: [http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel13/ManuelaTavares\\_AlmerindaBento\\_MariaMagalhaes.pdf](http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel13/ManuelaTavares_AlmerindaBento_MariaMagalhaes.pdf). Acesso em: 09 mar. 2018.

MAGALHÃES, Maria José de Sousa. *O movimento feminista e educação, em torno da análise dos discursos sobre educação, em Portugal, nas décadas de 1970 e 1980*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, 1995.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MASANO, Isabella Raduan. *A gastronomia paulistana: o local e o global no mesmo prato*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MASI, Domenico de. *O futuro do trabalho: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial*. Trad. de Yadyr A. Figueiredo. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Editora da UnB, 2000.

MIGUEL BAHL 2009 *Segmentação de mercado turístico: estudos, produtos e perspectivas*. Barueri: Manole, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29. Ed. Petrópolis: Vozes, 2010. (Coleção temas sociais).

MOESCH, Marutschka Martini. *A produção do saber turístico*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

MOESCH, Marutschka Martini. O lugar da experiência e da razão na origem do conhecimento do turismo. *Cenário*, Brasília, v.1, n.1, 8-28 dez. 2013.

MONTANARI, Massimo. *Comida como cultura*. Trad. de Letícia Martins de Andrade. São Paulo: Editora Senac, 2008.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Trad. de Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MORIN, Estelle. Os sentidos do trabalho. *Revista de Administração de Empresas*, v. 41, n. 3,

p. 8-19, jul.-set., 2001.

NEVES, Berenice Abreu de Castro. Patrimônio cultural e identidades. In: MARTINS, José Clerton de Oliveira (Org.). *Turismo, cultura e identidade*. São Paulo: Roca, 2003. p. 49-61.

NUNES, Jordão Horta, FREITAS, Revalino Antônio de (Orgs.). *Trabalho e gênero: entre a solidariedade e a desigualdade*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011.

O TRABALHO da mulher no brasil. 6 mar. 2018. Disponível em: <http://www.colegiointegracaoonline.com.br/ci/2014/03/o-trabalho-da-mulher-no-brasil/>. Acesso em: 27 mar. 2017.

PITTE, Jean-Robert. *Gastronomie française: Histoire et géographie d'une passion* (Nouvelles Etudes Historiques). Paris: Fayard, 1990.

POPPER, Karl R. A ciência normal e seus perigos. In: LAKATOS, Imre; MUSGRAVE, Alan (Orgs.). *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*. São Paulo: Cultrix, 1979.

POULAIN, Jean-Pierre. *Sociologia da alimentação*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.

RABAHY, Sílvia Maria Ligabue Abrahão. *Mercado do turismo sob o prisma de seus segmentos de consumo: uma abordagem do perfil psicológico do consumidor do turismo*. Dissertação (Mestrado em Relações Públicas, Propaganda e Turismo) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2005.

RABAHY, Wilson Abrahão. *Turismo e desenvolvimento: estudos econômicos e estatísticos no planejamento*. São Paulo: Manole, 2004.

RAMBOURG, Patrick. *Histoire de la cuisine et la gastronomie françaises*. Sain-Amand-Montrond: Perrin, 2010.

REPRESENTAÇÃO DA UNESCO NO BRASIL. 64 cidades se unem à rede de cidades criativas da UNESCO, 2017. Disponível em: [http://www.unesco.org/new/pt/brasil/about-this-office/single-view/news/64\\_cities\\_join\\_the\\_unesco\\_creative\\_cities\\_network/](http://www.unesco.org/new/pt/brasil/about-this-office/single-view/news/64_cities_join_the_unesco_creative_cities_network/) Acesso em 23 jan. 2018.

SAFIOTTI, Heleieth Iara Bongiovani, Gênero, patriarcado, violência. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. (Coleção Brasil Urgente).

SANTOS, Boaventura de Sousa. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. In: *Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática*. São Paulo: Cortez, 2011.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul.-dez. 1995.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. Recife: SOS Corpo – Gênero e Cidadania, 1996.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise história*. Disponível em: [http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/6393/mod\\_resource/content/1/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf](http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/6393/mod_resource/content/1/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf). Acesso em: 27 jun. 2017.

SENKEVICS, Adriano. O conceito de gênero por Joan Scott: gênero enquanto categoria de análise. *Ensaio e Gênero*, 2012. Disponível em: <http://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/04/23/o-conceito-de-genero-por-joan-scott-genero-enquanto-categoria-de-analise>. Acesso em: 30 ago. 2017.

SPANG, Rebeca L. *A invenção do restaurante: Paris e a moderna cultura gastronômica*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

TOUPIN, Louise. *Les courants de la pensée féministe*. 1998. Disponível em: [http://redouan.larhzal.com/wp-content/uploads/2015/05/courants\\_pensee\\_feministe.pdf](http://redouan.larhzal.com/wp-content/uploads/2015/05/courants_pensee_feministe.pdf). Acesso em: 18 ago. 2013.

TRIBE, John; Xiao, Honggen. (2011). Developments in tourism social science. *Annals of Tourism Research*, v. 38, n. 1, p. 7-26, 2011.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

ZANETI, Tainá Bacellar. *Cozinha de raiz: as relações ente chefs, produtores e consumidores a partir do uso de produtos agroalimentares singulares na gastronomia contemporânea*. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

## APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTAS



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO  
 CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO – CET  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO

### Roteiro de entrevistas

#### Dados

Nome: \_\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Grau de escolaridade: \_\_\_\_\_

Estado Civil:

Solteira ( ) Casada ( ) Viúva ( ) Divorciada ( )

Outro ( ) \_\_\_\_\_

Qual cargo você ocupa na empresa onde trabalha?

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

#### Dados da pesquisa

1 – Quantas horas por dia, em média, você trabalha?

\_\_\_\_\_

– Você trabalha aos finais de semana ( ) sim ( ) não ( ) às vezes  
 Em que período? \_\_\_\_\_

**2 – Na sua opinião, você considera que existem distinções no tipo de trabalho executado por mulheres e homens? Exponha melhor suas funções.**

---

---

---

**3 – Você gosta do trabalho o qual você desempenha? Por quais motivos?**

---

---

---

**4 – Como mulher, você considera que é respeitada no seu local de trabalho?**

---

---

---

**5 – Qual o principal motivo de você estar nesse trabalho? Como ou quando você começou a trabalhar com a gastronomia?**

---

---

---

**6 – Você encontra algum desafio em seu trabalho por ser mulher?**

---

---

---

---

---

---

**7 – Tratando-se de um ponto turístico, o serviço prestado no seu local de trabalho é diferente dos outros locais da cidade?**

---

---

---

**8 – Qual o diferencial na sua concepção da culinária local? Você sente que a gastronomia local paraense é diferenciada em vista dos outros estados?**

---

---

**9 – Qual a aceitabilidade dos turistas ou viajantes, quais os pratos que têm mais saída?**

---

---

---

**10 – No seu ponto de vista, há estímulo por parte dos órgãos responsáveis pelo turismo do estado na divulgação ou promoção da comida paraense?**

---

---

---

**11 – Quais as melhorias ou sugestões você propõe para a melhora do seu serviço ou local onde trabalha?**

---

---

---



## APÊNDICE 2 – TERMOS DE CIÊNCIA PARA TRABALHO CIENTÍFICO



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO  
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO – CET  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO

### **Termo de ciência para trabalho científico**

- O roteiro de entrevistas é um instrumento de pesquisa para direcionar o pesquisador na captação dos dados. A finalidade do presente instrumento de coleta de dados é captar informações com o objetivo de responder ao problema da pesquisa.
- Para tanto, esse roteiro de entrevistas não tem como finalidade ser algo fechado, mas sim, aberto para melhor atender a pesquisa. Assim, é importante que a entrevistada tenha liberdade em responder as perguntas, não sendo coagida ou intimidada pelo pesquisador.
- O nome da entrevistada, bem como seus dados são para controle da pesquisa. Não será divulgado ou colocado no trabalho escrito. O uso é somente para coleta de dados do roteiro de entrevistas, e a integridade da entrevistada será preservada.

Tomando ciência dos pontos acima, a entrevistada se coloca ciente e de acordo com a coleta a ser feita, se tratando de um roteiro de entrevista aberta e semiestruturado.

---

Assinatura da entrevistada



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO  
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO – CET  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO

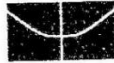
### **Termo de ciência para trabalho científico**

- O roteiro de entrevistas é um instrumento de pesquisa para direcionar o pesquisador na captação dos dados, a finalidade do presente instrumento de coleta de dados é captar informações com o objetivo de responder ao problema da pesquisa.
- Para tanto, esse roteiro de entrevistas não tem como finalidade ser algo fechado, mais sim, aberto para melhor atender a pesquisa. Assim, é importante que a entrevistada tenha liberdade em responder as perguntas, não sendo coagido ou intimidado pelo pesquisador.
- O nome da entrevistada, bem como, seus dados são para controle da pesquisa não será divulgado ou colocado no trabalho escrito, o uso é somente para coleta de dados do roteiro de entrevistas, a integridade da entrevistada será preservada.

Tomando ciência dos pontos acima, a entrevistada se coloca ciente e de acordos com a coleta a ser feita, se tratando de um roteiro de entrevista aberta e semiestruturado.

*Cláudia Ferreira Cunha*

Assinatura da entrevistada



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO  
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO – CET  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO

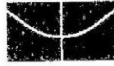
### **Termo de ciência para trabalho científico**

- O roteiro de entrevistas é um instrumento de pesquisa para direcionar o pesquisador na captação dos dados, a finalidade do presente instrumento de coleta de dados é captar informações com o objetivo de responder ao problema da pesquisa.
- Para tanto, esse roteiro de entrevistas não tem como finalidade ser algo fechado, mais sim, aberto para melhor atender a pesquisa. Assim, é importante que a entrevistada tenha liberdade em responder as perguntas, não sendo coagido ou intimidado pelo pesquisador.
- O nome da entrevistada, bem como, seus dados são para controle da pesquisa não será divulgado ou colocado no trabalho escrito, o uso é somente para coleta de dados do roteiro de entrevistas, a integridade da entrevistada será preservada.

Tomando ciência dos pontos acima, a entrevistada se coloca ciente e de acordos com a coleta a ser feita, se tratando de um roteiro de entrevista aberta e semiestruturado.

---

Assinatura da entrevistada



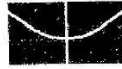
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO  
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO – CET  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO

### **Termo de ciência para trabalho científico**

- O roteiro de entrevistas é um instrumento de pesquisa para direcionar o pesquisador na captação dos dados, a finalidade do presente instrumento de coleta de dados é captar informações com o objetivo de responder ao problema da pesquisa.
- Para tanto, esse roteiro de entrevistas não tem como finalidade ser algo fechado, mais sim, aberto para melhor atender a pesquisa. Assim, é importante que a entrevistada tenha liberdade em responder as perguntas, não sendo coagido ou intimidado pelo pesquisador.
- O nome da entrevistada, bem como, seus dados são para controle da pesquisa não será divulgado ou colocado no trabalho escrito, o uso é somente para coleta de dados do roteiro de entrevistas, a integridade da entrevistada será preservada.

Tomando ciência dos pontos acima, a entrevistada se coloca ciente e de acordos com a coleta a ser feita, se tratando de um roteiro de entrevista aberta e semiestruturado.

Assinatura da entrevistada



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO  
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO – CET  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO

### **Termo de ciência para trabalho científico**

- O roteiro de entrevistas é um instrumento de pesquisa para direcionar o pesquisador na captação dos dados, a finalidade do presente instrumento de coleta de dados é captar informações com o objetivo de responder ao problema da pesquisa.
- Para tanto, esse roteiro de entrevistas não tem como finalidade ser algo fechado, mais sim, aberto para melhor atender a pesquisa. Assim, é importante que a entrevistada tenha liberdade em responder as perguntas, não sendo coagido ou intimidado pelo pesquisador.
- O nome da entrevistada, bem como, seus dados são para controle da pesquisa não será divulgado ou colocado no trabalho escrito, o uso é somente para coleta de dados do roteiro de entrevistas, a integridade da entrevistada será preservada.

Tomando ciência dos pontos acima, a entrevistada se coloca ciente e de acordos com a coleta a ser feita, se tratando de um roteiro de entrevista aberta e semiestruturado.



Assinatura da entrevistada

## ANEXO 1 – IMAGENS DOS ESPAÇOS TURÍSTICOS DA PESQUISA<sup>1</sup>

**Imagem 1 - Complexo do Ver-o-Peso, foto tirada do alto.**



Fonte: Acervo do autor.

**Imagem 2 - Feira do Ver-o-Peso vista de dentro dos corredores.**



Fonte: Acervo do autor.

---

<sup>1</sup> Todas as imagens deste “Anexo 1 - Imagens dos espaços turísticos da pesquisa” são de autoria deste pesquisador.



**Imagem 3 - Barracas de comercialização de pimentas e tucupi.**



Fonte: Acervo do autor.

**Imagem 4 - Mercado de ferro ou feira do peixe: movimentação do comércio.**



Fonte: Acervo do autor.

**Imagem 5 - Barraca de comercialização de camarão.**



Fonte: Acervo do autor.



**Imagem 6 - Um dos pratos mais consumidos na feira do Ver-o-Peso: açaí com peixe frito.**



Fonte: Acervo do autor.

**Imagem 7 - Fotografia do alto da Praça da República e do Teatro da Paz.**



Fonte: Acervo do autor.



**Imagem 8 - Cinema Olympia.**



Fonte: Acervo do autor.

**Imagem 9- Corredor verde da Praça da República, composto por mangueiras.**



Fonte: Acervo do autor.

**Imagem 10 - Barraca de comidas típicas da Praça da República.**



Fonte: Acervo do autor.